

Manual do Congresso

RESULTADOS E DESAFIOS ENTRE OS NÃO ALCANÇADOS

Jesús Londoño, *editor*



Índice

Saudações de boas-vindas.....

Seção 1: Guia para o congressista

1. Informações Gerais.....
2. Como mobilizar-se em Granada.....
3. Os encantos de Granada.....
4. Folha de instruções.....

Seção 2: Programa Geral

5. Horário e programa.....
6. Distribuição das salas de consultas temáticas.....
7. Distribuição das salas de mesas nacionais de trabalho.....
8. Marco histórico do congresso.....
9. Visão, missão e objetivos.....
10. Bazar ibero-americano.....

Seção 3: Apresentações de missionários

11. Mensagem para a igreja: Preocupações e reflexões
Antonio Peralta.....
12. Mensagem para a igreja: As boas intenções não são suficientes
Humberto Coello.....
13. Mensagem para a igreja: Lições de Deus no campo
Nájua Diba.....
14. Mensagem para a igreja: Necessidades e desafios
Carlos Zapata.....

Seção 4: Consultas temáticas

15. Introdução.....
16. Rede de centros de capacitação.....
17. Rede de igrejas e pastores.....
18. Rede de estruturas de envio.....
19. Cuidado integral.....
20. Alcance uma etnia.....
21. Alianças estratégicas.....
22. A mulher e a missão.....
23. Intercessão.....
24. Lingüística e tradução.....

Seção 5: Plenárias

25. Missões ao pé da cruz
David Ruiz.....
26. Missões em uma situação de perseguição
Hermano Yousef.....

- 27. Resposta bíblica para a pobreza global
Pastor C. Sekar.....
- 28. Missões em meio ao martírio
Bob Fu.....
- 29. Um novo capítulo dos Atos do Espírito Santo
Carlos Scott.....

Palavras especiais

- 30. Um olhar de esperança para o futuro
Carlos Scott.....

Seção 6: Conclusões da investigação.....

Biografias.....

Saudações de boas-vindas

Queridos companheiros de missões

Há mais de três anos, quando o sonho e a visão do III COMIBAM começaram a tomar forma dentro do movimento missionário ibero-americano, nossos corações se encheram de expectativas.

Agora, quando estamos às portas de colher os frutos que foram semeados desde então, após muitas reuniões em diferentes rincões ibero-americanos, de longas horas de trabalho, de várias viagens e encontros, e após muita oração, nosso coração bate acelerado, ansioso por ver como a mão de Deus se faz presente mais uma vez na história missionária a partir de um conglomerado de países que, apesar de sua situação política, social e econômica, continua crescendo e atendendo mais fortemente o chamado macedônico moderno.

O privilégio de ver reunidos cerca de 2.000 líderes ibero-americanos, além de 300 obreiros de campo e uma centena de observadores internacionais, nos deixa perceber que este é um momento decisivo no caminhar de nossa tarefa missionária que poderá impactar o futuro próximo e distante de nossa sementeira e de nossos frutos entre os povos menos favorecidos pelo Evangelho de Jesus Cristo.

Este congresso, cuja essência está altamente impregnada do campo, nos direcionará a cada um dos cantos da Terra, nos quais nossos compatriotas prosseguem laborando duramente, dia a dia, com o propósito único de ver o nome de Cristo exaltado.

Espero que essas experiências, repletas de alegria e tristeza, vitórias e frustrações, esperança e dor, nos ensinem o suficiente, de maneira que recebamos o novo alento que precisamos para levar nossa visão e nosso sonho muito além do que jamais imaginamos que pudéssemos fazer n'Ele, com Ele e para Ele.

Bem-vindos ao desafio de um novo milênio nas missões ibero-americanas!

Jesús Londoño
Diretor Executivo
COMIBAM Internacional

Seção 1

Guia para o congressista

Informações Gerais

Granada é a capital da província que leva o mesmo nome. Está situada aos pés da Serra Nevada, no Sistema Bético, o mais longo da Península Ibérica. Localizada na Andaluzía Oriental, ao sul da Espanha, contém um dos maiores patrimônios culturais deste país.

Dados gerais

Província: Granada
Altitude: 685 m
Extensão: 88 Km²
Habitantes: 241.471
Código postal: 18.071

Clima

Granada está na fase final do outono, a algumas semanas do início do inverno. A temperatura aproximada, nessa época, é de 17⁰ (máxima) a 5⁰ (mínima).

Câmbio

1 euro = 1,30 dólares americanos

Telefones de emergência

Urgências e emergências (resgate)	112
Bombeiros	112
Cruz Vermelha	913- 354 545
Empresa Pública de Emergências Sanitárias (EPES)	958- 002 200
Guarda Civil	062
Tráfego	958- 153 600
Polícia local	092
Polícia Nacional	091
Serviço Andaluz de Saúde (SAS)	061
Transportes (aeroporto, rodoviária, estradas, linha férrea)	563
Turismo	568
Palácio de Exposições e Congressos	958- 246 700
COMIBAM escritório internacional	958- 469 567

Como mobilizar-se em Granada

Ônibus urbano

Solicite um 'plano de linhas' (plano de líneas) nas paradas ou solicite aos condutores. Valor: 1 Euro
Fones: 900 710 900 / 958 813 711

Ônibus turístico

Tour pela cidade

Valor: 12,40 Euros (adulto) e 6,40 Euros (criança)

Duração: 1 hora e 15 minutos

Onde você pode tomar esse ônibus?

Palacio de Congresos

Arabial

Parque de las Ciencias

Hospital Real

Museo Federico García Lorca

Catedral

Campus Universitario

Acera de Darro

Monasterio de la Cartuja

Alhambra

Plaza de Toros

Avda. Sta. María de la Alhambra

Táxi

Chamar pelo telefone 958 280 654 (chega em menos de 10 minutos) ou se dirigir a qualquer parada da cidade. Ex. estação de trem, estação rodoviária, Plaza de Triunfo, Plaza Nueva, Fuente de las Batallas ou em frente ao Corte Inglés.

Tele-taxi: 958 280 654

Radio-taxi: 958 151 461

Servi-taxi: 958 400 199 (serviços no cinturão de Granada)

Táxi Genil: 958 151 461 (24 horas)

Os encantos de Granada

Os principais locais turísticos são:

A Alhambra e o Generalife

As robustas muralhas de ladrilho e argamassa, que delimitam o recinto edificado do monumento, circundam esplêndidos palácios árabes com o de *Comares*, em cujo interior se encontram o *Patio de los Arrayanes* e o *Salon de los Embajadores*, este coberto por uma magnífica cúpula de madeira entalhada. A cultura da água, tão profundamente enraizada na civilização muçulmana, encontra seu mais fiel reflexo nessa jóia arquitetônica, em que ainda se conservam ruínas dos banheiros árabes e também as múltiplas fontes que complementam muito sabiamente sua rica decoração em gesso e azulejos policromados. É uma herança muçulmana, mas com presença cristã, já que depois da 'Reconquista' o Imperador Carlos V edificaria ali seu palácio renascentista, que hoje é a sede do *Museo de Alhambra y Bellas Artes*.



Entrada para a Alhambra

Horários: segunda a domingo 8h30 às 18h00.

Visita noturna: sextas e sábados 20h00 às 21h30

Preço individual: 10 Euros

Fone: 902 441 221

Reservas: 902 224 460

www.alhambratickets.com

Sierra Nevada

Falar de *Sierra Nevada* é falar de esqui, de snowboard, de Andaluzia, de neve e de sol. *Sierra Nevada* é um conjunto de montanhas pertencente ao conjunto das Béticas. Transformou-se num autêntico baluarte do setor turístico de Granada. Em 1986, foi declarada Reserva da Biosfera pela UNESCO e em 1999, grande parte de seu território foi declarado Parque Nacional por seus valores botânicos, paisagísticos e naturais. É o conjunto montanhoso de maior altitude de toda a Europa Ocidental depois dos Alpes e o teto da Península Ibérica, com o *Pico Mulhacén*, de 3.480 m.



Horários:

Das 9h00 às 11h00 e 13h00 às 15h00 há menor quantidade de público. Mas o acesso pode ser feito a qualquer hora do dia ou da noite.

Sacromonte

Se há uma palavra que possa descrever esse pitoresco bairro de Granada é “mistério”. Os ciganos, segundo contam as crônicas, chegaram com as tropas cristãs do reis católicos (eram artesãos) e se instalaram nesse bairro. Sua arte se misturou com o mourisco e assim surgiu o *flamenco* e a *zambra*, expressão artística genuína da cidade de *Alhambra*. O *Sacromonte* é arte, mas também é cultura e patrimônio que são sua máxima expressão. Em sua *Abadía*, são guardadas obras dos mais importantes artistas que trabalharam na cidade a partir do século XVII. Suas misteriosas *casacuevas* caiadas são uma mistura de cobre e cal. Seus becos são repletos de jardins floridos.



Horários:

Terça a domingo – 11h00 às 13h00 e 16h00 às 18h00

Preço individual – 3 Euros

Observação – acompanhamento de guias

Palácio de Dar Al-Horra

Construído no século XV, em pleno *Albaicín*, esse palácio pertenceu à família real granadina, tendo sido a última morada da mãe de *Boabdil*, a princesa *Aixa*, aludida no nome *Dar Al-Horra*. Sua estrutura e decoração refletem a arte nazarí, apresentando em seu projeto duas plantas e com uma torre ao norte. Todo o edifício circula em torno de um pátio central, ao redor do qual são distribuídos quartos, pórticos e uma pequena fonte cujas águas desembocam num espelho d'água, sob o qual está um grande reservatório de água.

Essa beleza especial possui seus tetos planos de madeira decorados com figuras geométricas e arcos de ferradura que levam a uma esplêndida galeria e à capela cristã que os reis católicos construíram ao conquistar Granada.

Horários:

Segunda a sexta – 10h00 às 14h00

Entrada franca

Murallas del Albaicín

Nesse pitoresco bairro granadino se conservam numerosos vestígios do recinto murado que rodeou Granada. Muitos deles pertencem ao período Zirí do século XI. São grandes muros de tijolos reforçados com pedras e ladrilhos. Nessas ruínas há também numerosas torres e portas de acesso à cidade como a de *Monaita*, a das *Pesas* ou o postigo de *SanLorenzo*.

Catedral

Obra máxima do Renascimento Espanhol é a *Catedral de la Anunciación* declarada Monumento Nacional e Bem de Interesse Cultural. Foi erigida junto à antiga Mezquita Mayor, sob a instância dos reis católicos no princípio do século XVI. A fachada principal de estilo barroco mostra a um extremo a magnífica torre do campanário. A Capilla Mayor, de planta circular e elevada, apresenta um detalhe dourado na brancura do conjunto, sendo que a decoração conta com pinturas de Bocanera e de José Risueño. Há cinco naves com número igual de mesaninos equipados de capelas laterais com pilares gigantes sobressaindo-se.



Horários:
Segunda a sábado – 10h45 Às 13h30 e 16h00 às 19h00
Dias festivos e domingos – 16h00 às 19h00
Preço: 3 Euros

Folha de instruções

Queremos que cada congressista tenha em conta cada uma das seguintes recomendações para uma melhor orientação e coordenação dentro do Palácio de Congressos:

Trajes

Devido às temperaturas esperadas durante o transcurso deste mês, recomendamos roupas de inverno, tendo sempre a mão casacos, suéteres, etc. Durante as conferências o traje pode ser casual, contudo, para a abertura, recomendamos traje formal. O Palácio de Congressos tem sistema de aquecimento e serviço de guarda-roupa, por isso, mesmo que você saia bem abrigado de seu hotel, não haverá problema ao chegar lá.

Pontos de informação e recepção

Há postos de informação nos andares 0, +1 e -2 do Palácio de Congressos. Lá você poderá obter toda a ajuda de que necessitar. Além disso, os membros da equipe do COMIBAM Internacional estarão dispostos a ajuda-lo de acordo com sua necessidade.

Equipe de voluntários

Contamos com uma equipe de aproximadamente 140 voluntários devidamente identificados que estarão disponíveis durante todo o tempo do congresso para oferecer qualquer informação necessária.

Uso e segurança da informação

Com o propósito de prover um ambiente agradável e seguro para todos os participantes e expositores do congresso, e também para que haja integridade e bom manejo de informações, é necessário que se estabeleça certos parâmetros de segurança que nos auxiliem para esse fim.

Durante o congresso haverá um acúmulo de informações em forma de relatos, informações orais e escritas, apresentações audiovisuais, resultados de pesquisas, entrevistas e discussões de grupos de trabalho, estatísticas, estratégias, entre outros. Para o COMIBAM Internacional essas informações são consideradas privilegiadas, sensíveis e são par uso exclusivo dos congressistas autorizados. Assim sendo, será terminantemente proibido fotografar ou gravar em vídeo ou áudio qualquer apresentação dos missionários na sala principal García Lorca. Por essa razão, informamos que não será permitida a entrada de máquinas fotográficas ou filmadoras, gravadores de áudio, celulares que fotografem ou filmem, palms ou outros aparelhos eletrônicos congêneres no horário da manhã. Somente à noite se poderá filmar ou fotografar.

Quanto ao manejo e segurança da informação escrita, informamos que este manual, além de outras publicações, deverá ser utilizado para propósitos exclusivos do congresso. Não se deve compartilhar ou expor estes materiais com pessoas estranhas ou em outros locais. Cada participante será responsável pelo manejo e segurança de seu material escrito durante todo o congresso (seja no Palácio de Congressos, em seu hotel ou em qualquer traslado).

Por último, os congressistas deverão ser discretos em seus comentários e conversas sobre o congresso com outros participantes, em locais públicos, com familiares, amigos ou outras pessoas que não estejam dentro desse contexto. Os nomes de pessoas, de países e as atividades específicas expostas durante o congresso são consideradas informação confidencial, por isso solicita-se de cada participante e pessoa relacionada ao congresso que mantenha a confidencialidade necessária.

Guarda-roupa e local para deixar objetos não permitidos

Para sua comodidade foi destinado no andar '0' um local em que se pode deixar casacos ou outras roupas de inverno. Por razões de segurança, também foi reservado, no mesmo local, um espaço para se deixar objetos não permitidos na sala García Lorca, como os já mencionados, que ponham em risco a segurança do missionário. Você pode ficar tranqüilo quanto a deixar e retirar seu pertence.

Recepção e entrega de objetos perdidos

Para uma melhor coordenação, há dois balcões onde poderão ser entregues os objetos perdidos: andares '0' e -2. Para retira-los, contudo, só será possível no andar +1. Não se esqueça de apresentar seu documento de identificação, sem o qual nenhum objeto será entregue.

Venda de cartões telefônicos

Nos balcões dos andares '0', +1 e -2 haverá ponto de venda para facilitar a compra de cartões para chamadas internacionais.

Enfermaria

Caso necessário, dirija-se ao andar -2, onde poderá ser atendido por pessoal profissional em caso de necessidade médica.

Oficina de turismo

No andar '0' haverá uma agência de turismo que lhe dará informações detalhadas sobre a cidade, locais de interesse e onde se pode adquirir mapas, dicas de roteiros, etc.

Agência de viagens

Está localizada no andar +1. Ali você obterá diferentes pacotes turísticos a um bom preço.

Restaurante ou refeitório

Localizado no andar -3. Não se esqueça de ter sempre à mão seu cartão de identificação. Isso facilitará seu acesso.

Área de stands e bazar missionário

No andar +1 estará posicionada toda a área de materiais, ferramentas missionárias, informação completa dos campos e das missões, artigos e curiosidades típicas dos diferentes campos, etc.

Seção 2
Programa Geral

Horário e Programa

Distribuição das salas de consultas temáticas

Distribuição das salas de mesas nacionais de trabalho

Marco Histórico do congresso III Congresso Missionário Ibero-americano, COMIBAM 2006

David D. Ruiz M.

Para muitos de nós, a chegada ao congresso foi muito cansativa, não só pelas longas horas de viagem em vôos transatlânticos, mas, particularmente, pelos esforços e sacrifícios econômicos que tiveram para realizar este sonho: ser parte da história das missões a partir da Iberoamérica.

Para aqueles que vêm pela primeira vez a um congresso missionário ibero-americano, esta é uma ocasião histórica. O movimento missionário ibero-americano se reúne com um grupo seleto de missionários para avaliar o desenvolvimento e planejar os ajustes necessários para o futuro próximo. Este é um encontro histórico. Tudo o que ocorrer e for gerado aqui se tornará parte da história das missões ibero-americanas.

Entretanto, este congresso não é o começo, nem muito menos o final da história das missões a partir do nosso contexto. É um novo passo no processo do desenvolvimento missionário ibero-americano. É um passo muito importante, obviamente, mas um novo passo de uma série de avanços que ainda são esperados desse movimento.

A história deste III Congresso Missionário Ibero-americano, sem dúvida, iniciou-se em 1916, quando algumas agências missionárias e obreiros, em grande parte norte-americanos, se reuniu na cidade de Panamá para refletir juntos sobre o processo e a metodologia de evangelização desse continente esquecido nos planos de Edimburgo, ou ao menos relegado a um segundo plano. Ali foi iniciado o processo que culminou num impulso de investir recursos, tanto econômicos como humanos, em prol da evangelização do mundo.

Assim como nós nos entusiasmos quando fazemos planos para a evangelização dos não alcançados, aqueles entusiasmados irmãos consideraram que esta era a última fronteira “os confins da terra” para usar as palavras bíblicas. Parecia que essa parte do mundo poderia ser alcançada concomitantemente aos esforços que já eram feitos na África e em algumas partes da Ásia, assim completando a evangelização nesta geração¹, como era o lema de vida de seu idealizador, John R. Mott².

Parece que com honrosas exceções, só o Brasil e Porto Rico se despertaram para a responsabilidade de compartilhar o evangelho em outras nações – mais próximas para Porto Rico e um pouco mais distantes para o Brasil³. Os movimentos evangelizadores dos anos sessenta e setenta, cujas marcas vemos tão bem plantadas no continente, respondiam à lição que fora bem aprendida: a proclamação como uma tarefa de evangelização local.

Na década de oitenta surgiram oportunidades tanto para esforços reflexivos como práticos no sentido de colocar o evangelho disponível aos que não o tinham. Não importava se foram esses os grupos nos quais a igreja havia sido negligente em aproximar-se (aos que se faz sensível o movimento estudantil em vários países ibero-americanos) como aos grupos tribais latino-americanos, ou a evangelização dos recém nomeados PNA's (Povos Não Alcançados) iniciada por algumas agências missionárias internacionais e pela própria expansão da igreja na primeira aproximação com as redes ou denominações autóctones.

¹WEF books, the evangelicals. The story of a Great Christian Movement. Baker/Paternóster. P. 144

² Ruiz, David “cambios paradigmáticos en el liderazgo global de las misiones” Manual de la II Asamblea Internacional de COMIBAM, El Salvador 2003.

³Ekstrom, Bertil. El espíritu de COMIBAM. ED. Patmos, Miami 2006.

É em meio há esse tempo que surge, por parte de alguns líderes importantes do movimento evangélico latino-americano, o ardente desejo de pensar na realização de um congresso missionário ibero-americano: COMIBAM 87, como foi chamado. Naquele tempo, os números não eram parte do nome. Não creio que ninguém havia pensado que aquele era o primeiro congresso missionário ibero-americano.

Creio que a maioria dos que participaram, tanto no aspecto ideológico como no prático de visitar cada país latino-americano, mobilizando, desafiando e unindo a liderança da igreja, nunca pensaram que estavam trabalhando para o primeiro de uma série de congressos. Sua motivação foi a de conseguir reunir em São Paulo – Brasil um grupo significativo de líderes que pudessem, em sua grande maioria, ouvir pela primeira vez o chamado macedônico. Além disso, queriam ver a igreja ibero-americana despertar para as missões mundiais.

Eles alcançaram seu objetivo, assim como dizia o compromisso firmado no final do congresso: “Unidos pelo desejo ardente de ser luz para as nações, nós, participantes do COMIBAM 87, fazemos esta declaração confiando na ajuda do Senhor, na direção e poder de Sua Palavra e de Seu Espírito, e convidamos a todos os nossos irmãos e irmãs da Iberoamérica a se envolverem conosco no fiel cumprimento da missão para a qual Ele nos designou: “Eu te constituí para luz dos gentios, a fim de que sejas para salvação até aos confins da terra.” At 14:47⁴

KO COMIBAM 87 foi, para a história, como a data em que a igreja ibero-americana inicia a almejada mudança de ser um campo missionário para se tornar uma força missionária; como o alvorecer das missões a partir da América Latina para o resto do mundo. Duas expressões, sem dúvida, descrevem aquele congresso. A primeira é “de campo missionário à força missionária” e esta exemplifica a mudança de paradigma iniciada a partir desse evento na América Latina: ver a igreja nessas latitudes como uma igreja responsável por fazer chegar a mensagem de Jesus Cristo a todos aqueles que ainda não o ouviram.

Um grande desafio estava implícito naquela frase e naquele congresso, porque um campo só pode se transformar numa força se assim o desejar. Alguém teria que trabalhar, plantar, esperar que a preciosa semente germinasse para então começar a cuidar da frágil plantinha pelo tempo que fosse necessário, até que produzisse o que é hoje a base da energia missionária e assim se encaminhasse a ser a força missionária ibero-americana.

Para muitos, a espera foi muito longa, outros esperavam um milagre. Os primeiros saíram prematuramente, ou, melhor dizendo, antecipadamente, porque mesmo quando alguns deles voltaram feridos, outros “Quixotes” continuam no campo. Mas os que ainda permanecem nos lembram a segunda das duas expressões que descrevem aquele congresso: “não com dólares, nem com computadores, mas com meu Santo Espírito, disse o Senhor”. Uma paráfrase latino-americana do versículo de Zacarias 4:6 que nos lembrou que o tempo de pensar nas missões latinas não era assunto de recursos, mas da urgência da tarefa e da obediência ao mandato do Mestre.

Os dez anos seguintes foram de trabalho árduo e de muitas emoções, vendo como aquela “pequena faísca podia acender um fogo” como dizia um famoso coro que se cantava naquela época em muitos países latino-americanos. Durante esses anos, comprovamos ambas as coisas: por um lado, que o campo podia chegar a produzir a força para que a igreja ibero-americana cumprisse sua parte na evangelização do mundo, e por outro, que não era assunto de recursos. Muitas igrejas pequenas e pobres começaram a dar preciosas lições às grandes e ricas sobre como cumprir a grande comissão.

⁴Declaración de COMIBAM 87, documentos resultantes del Congreso Misionero Iberoamericano, São Paulo, Brasil, noviembre 1987.

COMIBAM 97, o II Congresso Missionário Ibero-americano, surgiu da necessidade sentida no movimento de fazer uma avaliação do que já havia sido feito pelo movimento até então e projetar uma nova imagem para o futuro do movimento. O II congresso, COMIBAM 97 foi gerado em meio a muitos êxitos e emoções. A contribuição do encontro entre agências e igrejas missionárias deixou claro que o movimento havia amadurecido a ponto de fazer uma autocrítica de seu desenvolvimento e planejar os ajustes e mudanças necessárias em seu curso de ação para ser mais efetivo.

A ênfase do II Congresso Missionário Ibero-americano, COMIBAM 97, foi “Uma avaliação e projeção do movimento missionário ibero-americano”. O enfoque da avaliação se baseou, principalmente, no processo missionário. A seleção, a capacitação, o envio, o cuidado pastoral e a supervisão no campo estiveram sob o escrutínio em Acapulco, México⁵.

Sem dúvida, um tema que ficou fora dessa avaliação foi a ação social como obra missionária. Naquele momento era mais um elemento de divisão e de relativização das posições do que de unidade. Esse tema não foi tratado, oficialmente, no congresso, contudo estava na agenda de Deus. Poucas semanas antes, o furacão Paulina atacou fortemente o porto de Acapulco deixando muita gente carecendo de ajuda. A chegada dos congressistas foi uma luz de esperança para muitos.

Muitas delegações chegaram com “duas malas”: uma com seus objetos pessoais e outra com roupa e ajuda para o congresso. Quase cinquenta por cento dos congressistas saíram às ruas para mostrar as mãos de Cristo aos desabrigados. Claro que estes não sabiam o que significava COMIBAM ou missiologia, ou, muito menos, povos não alcançados, mas todos souberam o que significava o amor nas mãos dos que chegaram até eles. Como diretor do congresso fiquei petrificado diante do noticiário, quando o presidente do México anunciou a um grupo deles que em poucos dias, gente de toda a América Latina vinha dar-lhes um pouco de esperança (eu acabava de conseguir-lhe um convite para assistir ao congresso, justo com essas palavras) e assim foi.

O II Congresso Missionário Ibero-americano transformou o movimento. A partir do dia de encerramento, começou-se a planejar a “iberoamericanização” que era o desejo de redobrar esforços para que a Península Ibérica tomasse um papel significativo no COMIBAM. Conseqüentemente, a regionalização da Iberoamérica, que permitira uma potencialização do desenvolvimento dos movimentos missionários nacionais, além da definição do modelo administrativo do movimento e sobretudo de seu esquema de revezamento de liderança, evitou o caudilhismo e manteve a direção do movimento conectada com os movimentos missionários ibero-americanos.

Agora, este III Congresso COMIBAM 2006 é uma afirmação categórica de que se alcançou o objetivo planejado no COMIBAM 97. O congresso é realizado na Península Ibérica, tendo a igreja espanhola um protagonismo significativo. Além disso, o processo de seleção e organização das delegações, tanto como a definição dos missionários que viriam a este congresso, esteve nas mãos dos diretores regionais numa aberta comunicação com seus países participantes. Para cada um que está neste congresso, há pelo menos mais 3 que deviam ter vindo, mas não puderam por falta de espaço ou de recursos. Isso demonstra que o movimento missionário ibero-americano é maior do que vemos em Granada em 2006.

Mas este congresso tem também sua própria e concreta proposta: ver as missões a partir da perspectiva do campo. É justo que façamos agora uma autocrítica sobre o nosso fruto entre os não alcançados. Necessitamos avaliar se temos sido fiéis ao chamado de estabelecer a igreja entre as etnias não alcançadas. Devemos analisar como essas igrejas se vêm à luz da imagem que delas projeta a Palavra.

⁵Declaración de COMIBAM 97, documentos resultantes del II Congreso Misionero Iberoamericano, Acapulco, México. Noviembre 1997.

Este é o tempo apropriado para que com a seriedade que a obra missionária demanda, examinemos como estão atuando nossos obreiros com relação à cultura de seus locais de trabalho, com a igreja autóctone e o desenvolvimento missiológico que foi alcançado sob essas condições. É mister que o movimento escreva uma missiologia que, firmemente baseada na Bíblia, nos permita refletir sobre a melhor maneira de se trabalhar no campo.

Necessitamos de uma autocrítica também da forma como temos atuado como igrejas enviadoras. Devemos considerar se temos sido responsáveis com nosso chamado de levar as boas novas até os confins da terra. Como igreja ibero-americana, é nosso dever examinar em que medida temos cumprido com nossos compromissos e se temos acompanhado com responsabilidade aos missionários em seu processo de campo ou se os temos deixado esquecidos.

Creemos que seremos parte da história das missões a partir da Iberoamérica. No dia de hoje se começa a escrever uma nova página e estou seguro que, como nos outros dois congressos, esta página é também o início de um novo e glorioso capítulo d história das missões.

Pessoalmente, tenho muitas expectativas pelo que ocorrerá neste congresso, mas fico muito emocionado só de pensar no que ocorrerá dentro do movimento missionário ibero-americano como consequência deste encontro. Deus nos trouxe aqui, como disse Isaías: “Porquanto não saireis apressadamente, nem vos ireis fugindo; porque o Senhor irá adiante de vós, e o Deus de Israel será a vossa retaguarda.” Is 52:12

Visão, missão e objetivos

Este é um tempo propício para reavaliar o movimento missionário ibero-americano, mas desta vez tirando vantagem dos anos de experiência de campo que Deus nos permitiu desenvolver. Com base nesse sentimento e na necessidade de olhar objetivamente para os processos e frutos entre os não alcançados, sonhamos em ver neste congresso:

Visão

“Que haja mais frutos entre os não alcançados”

Missão

“Que o movimento missionário ibero-americano se reúna para examinar, melhorar e multiplicar os frutos entre os não alcançados”

Objetivos

- a. Conhecer o resultado dos esforços de evangelização transcultural entre os não alcançados: seus desafios e frustrações.
- b. Ouvir a experiência do campo para aprender lições objetivas do processo missionário.
- c. Fazer os ajustes necessários para ser mais efetivos no campo.
- d. Ajudar a igreja ibero-americana a multiplicar seus esforços entre os não alcançados.

Expectativas

Obter uma retroalimentação a partir dos campos de missão. Queremos ouvir, em primeira mão, as experiências e os resultados obtidos pelos obreiros ibero-americanos entre os povos não alcançados ou menos evangelizados. Além disso, entender a realidade do trabalho no campo, suas expectativas, suas frustrações, seus erros, suas solicitações para o movimento no continente e seus conselhos para prosseguir no avanço do trabalho missionário a partir da Iberoamérica. Necessitamos de notícias atualizadas sobre os tipos de ministério que estão sendo desenvolvidos, experiências pessoais, problemas de trabalho em equipe, processos financeiros, etc.

Gerar uma reflexão sobre os processos de mudanças necessárias. Espera-se, por intermédio do congresso e de diversas dinâmicas de trabalho em grupo, oficinas, consultas nacionais e outras, definir quais são as mudanças necessárias que devem ser implementadas para melhorar e incrementar o trabalho dos ibero-americanos em meio aos povos não alcançados. Cada uma das etapas do processo missionário (seleção, capacitação, envio, cuidado pastoral, etc) deve ser analisada à luz da experiência vivenciada no campo.

Projetar a implementação das mudanças no movimento proveniente da Iberoamérica e do campo. Uma das ferramentas mais valiosas do congresso é a de reativar, fortalecer ou dinamizar os processos missionários que já estão vigorando na Iberoamérica. Por esta razão, é vital que o congresso tenha gerado uma plataforma prévia (processo anterior ao congresso) e um trabalho coordenado que tenha se desenvolvido nos anos anteriores. Em meio a consultas especializadas no congresso e consultas nacionais prévias e posteriores, deve-se definir quais são os próximos passos na tarefa missionária e como se podem e se devem incrementar as mudanças no seio do movimento.

Bazar ibero-americano

Em nossos melhores tempos, no meio das ruas e praças da Iberoamérica, por muitos anos vem sido desenvolvido um estilo de compra e venda que se tornou um dos modelos de relacionamento pessoal de mais êxito e proximidade para as culturas de nossas terras.

Este modelo foi chamado, por várias gerações, de mercado, mas com o passar dos anos foram dados diversos outros nomes, entre eles: bazar, mercado de pulgas, feirinha, etc. Desde as cidades até aos menores e longínquos povoados, sempre houve a oportunidade de se encontrar e compartilhar com os conterrâneos um momento social e amistoso na hora das compras.

Neste III Congresso Missionário Ibero-americano, temos evocado este conhecido sistema, tratando não somente de resgatar nossos valores autóctones, mas querendo alcançar os mesmos objetivos de uma forma amena, informal e amistosa.

O objetivo central deste tempo no congresso é o de criar um ambiente que possa propiciar o encontro entre enviados e enviados, num momento descontraído, informal e pessoal onde possamos ter proximidade e conhecimento mais íntimo do que nossos obreiros estão realizando no campo. Esperamos que as conversações nos corredores, os intercâmbios de sonhos e estratégias, as histórias de êxito e fracasso nos ajudem a compreender melhor, e em outro formato pedagógico, o que estamos enfrentando nos campos, atualmente, como também os desafios que temos adiante.

O bazar acontecerá no andar +1 onde os missionários terão um espaço para colocar todas as coisas típicas que trouxeram dos países onde eles servem. Tudo isso será exposto no estilo dos melhores “bazares” latinos, no andar térreo, sobre mantas artesanais e tapetes coloridos que possam mostrar a diversidade cultural dos lugares onde Deus nos está permitindo chegar e ministrar a Sua palavra.

Cada um de nós terá também a oportunidade de conhecer mais de perto as culturas onde, como movimento ibero-americano, estamos chegando. As diversas roupas típicas culturais e artesanais que podemos comprar, não será apenas uma ajuda para os obreiros, mas uma oportunidade ímpar de levarmos uma recordação destes lugares da terra que necessitam de nós neste tempo.

Como delegado do seu país, não perca este tempo que consideramos de alto valor, já que o campo e seus autores (missionários) são a coluna vertebral deste projeto investigativo. O objetivo é descobrir como podemos ajustar os processos missionários em nossas terras para sermos, a cada dia, melhores mordomos do que o Senhor das nações tem colocado em nossas mãos.

Desfrute este tempo ao máximo, compartilhando de coração aberto com a maior quantidade de missionários ibero-americanos que você puder.

Seção 3

Apresentações de missionários

Mensagem para a igreja: Preocupações e reflexões

Antonio Peralta

Mensagem para a igreja: As boas intenções não são suficientes

Humberto Coello

Esta reflexão se refere a tudo o que está acontecendo nos campos missionários com respeito à capacitação, envio, sustento e pastoreio dos obreiros.

Dou graças a Deus pela oportunidade de estar neste congresso e ter, ao mesmo tempo, a possibilidade de compartilhar para a edificação do corpo do Senhor.

Há uma só igreja: A igreja de Cristo. Mas nós como igrejas latinas, ibero-americanas ou hispânicas, devemos responder ao chamado e assumir o papel para o qual Deus nos criou.

Nos treze anos que passamos no campo, Deus nos ensinou muitas coisas e algumas delas nos custaram muito suor e lágrimas. Um dos princípios que aprendemos, e que queremos meditar juntos, é este: “As boas intenções não são suficientes”. Ninguém pode discutir que definitivamente temos avançado mais no desafio de missões, mas também é inegável que temos aprendido muitas coisas neste caminhar.

Temos o objetivo de enviar gente ao campo, de ganhar pessoas para Cristo, desejo de apoiar, temos muitas e boas intenções, etc. Mas um dos problemas que se tem no campo é que está chegando gente com boas intenções, mas sem um verdadeiro compromisso, sem um verdadeiro chamado. E sem exagerar, às vezes temos que cuidar mais deles do que dos grupos terroristas ou da polícia.

Quero apresentar uma analogia referente aos casais, por exemplo: quantos casais estão reunidos neste recinto? Há algum entre nós que quando pediu a sua esposa em casamento, lhe disse: “Olha eu te amo, vamos nos casar e se não funcionar nos divorciamos”. Claro que não! Isto implica um compromisso real.

Em nossa realidade devemos nos casar e nos comprometermos com a visão e missão. Nós não queremos no campo “noivas sem compromisso”, anelamos gente decidida com Deus e com a obra, disposta a pagar o preço.

O campo não precisa de gente sem preparo, que nunca discipulou nem ministrou um estudo bíblico, que não conhece um processo transcultural, etc. Mas também não precisa de gente tão capacitada doutrinariamente, que mostre falhas no caráter, que acredita saber tudo e não se deixa ensinar. Pior ainda, o campo não precisa de pessoas que pensam que sabem de tudo, que tenham complexos, feridas em seus corações, e não sabem trabalhar em equipe. Há algo que precisa ser esclarecido e há um paradigma que nos foi ensinado, que eu gostaria muito que mudasse: “Ser latino é suficiente, se for latino significa que haverá êxito no campo.” Isto não é verdade.

Certamente ser latino ajuda muito por causa da nossa cultura, nossa paixão, flexibilidade e calor, mas isto não nos assegura o êxito no campo missionário. Se queremos as terras para Cristo, devemos enviar o melhor que temos: gente com um chamado genuíno e verdadeiro, pessoas capacitadas da melhor maneira.

Entre muitos obreiros chamados e capacitados encontramos mais um problema: as finanças. Entretanto, precisamos buscar soluções alternativas para poder enviar este pessoal qualificado ao campo. Temos que procurar novas maneiras para enviá-los. Agora, quanto ao envio, devemos ser cuidadosos. Como os enviamos? Nesta época de comunicação tão avançada, e depois do que já se

experimentou, creio que devemos começar com uma nova etapa em missões. Em nossa perspectiva é muito triste ver tanta gente capacitada, mas tão só. Pessoas a quem comumente denominamos “solitários”. Muitos deles com chamados verdadeiros e grande capacidade, mas com um pobre preparo no momento em que foram enviados. Produzindo, como consequência, uma frustração no campo, sem ter resultados.

Creio que é o momento de começar a criar plataformas de recepção no campo muito mais produtivas. Devemos trabalhar com as pessoas que já estão nos campos missionários e com as igrejas locais. Sem dúvida, creio que também haja exceções, mas tenho visto muitas pessoas que tendo dom de mestre querem plantar uma igreja no meio hostil e, ainda que possuam boas intenções, isto não é suficiente.

Mas, qual é o nosso compromisso? Não é só do missionário, mas também da igreja que o envia. Precisamos de uma igreja com compromisso e visão (Is 61.1,2^a). Deus quer ungir a sua igreja para que cumpra este chamado: pregar as boas novas aos abatidos, sarar os feridos e pregar a liberdade aos cativos.

Qualquer pacto tem um custo. Na história do bom samaritano de Lucas 10.30-35, Deus nos fala de como um bom homem se compromete a correr o risco de parar, consolar o ferido, levá-lo à uma pensão e dizer: “...e tudo o que gastar a mais eu o pagarei”. Por isso, a igreja deve estar consciente e aceitar que isto lhe custará não só no presente, (não é só enviar o missionário), mas também no futuro (todos os gastos que implicam o cumprimento da missão com êxito).

É agora que a igreja deve continuar escutando claramente a vós de Deus para saber quais sacrifícios são necessários, quando fazê-los e decidir que riscos vale a pena correr. Não se esqueça que enquanto nós, os obreiros, estamos no campo, necessitamos de pessoas na igreja que compartilhem e apoiem a visão. É muito fácil que a visão morra se não for transmitida ou como vocês crêem que se sente um obreiro quando seu pastor pergunta sobre a cidade em que estão vivendo, ou quantos filhos têm? Vocês são nossa boca!

No sustento financeiro, também creio que temos avançado, ainda que nos falte muito caminho a percorrer. Dou graças às igrejas que enviam sempre o necessário a seus missionários e que são fiéis, mês após mês. Mas também há outra realidade que não se pode esconder, é que no presente há muitos missionários que sofrem nesta área.

Um comentário muito comum que se escuta entre os latinos é que seu dinheiro não é suficiente e que não têm o suficiente para comprar certas coisas. Mesmo que tenhamos aprendido a dar para o sustento básico dos obreiros, esquecemos também que muitos deles investem do que recebem no ministério. Sabemos que se precisa de dinheiro para o orçamento ministerial. Em alguns campos, esses gastos são muitos. Devemos reformular este assunto e apoiar os projetos que são gerados do ministério.

Com respeito ao pastoreio e supervisão, permita-me dizer-lhes que estamos muito mal. Esta é uma área em que devemos crescer e há muitos pastores que não sabem as necessidades de seus missionários, suas lutas, nem o que estão fazendo. Isto nos dá um resultado geral de como se encontra o cuidado do missionário nos campos. Como é sua comunicação com o obreiro? Você pede a ele informação ou ministra na vida dele?

Ainda que tenhamos avançado, também há muito que fazer. Deus tem sido fiel, mas creio que é tempo de começar uma nova etapa e implementar novas coisas, formas e estratégias de envio e recepção. Precisamos criar plataformas no campo, capacitando não só antes, mas a medida de cada um, ainda mesmo no campo. Devemos ensinar sobre o caráter, da mesma maneira que ensinamos

doutrina. Trabalhar mais em equipe e, definitivamente, formar grupos apostólicos com as igrejas locais e obreiros já estabelecidos no campo. Não queremos mais ver irmãos latinos frustrados, feridos, com falhas no caráter ou feridas, nem queremos ver outros regressarem por falta de recursos.

É necessário começar uma nova etapa, avaliar os acertos e as falhas e levantarmo-nos para cumprir a grande comissão. Que tudo que façamos seja feito em oração, jejum, buscando a Deus, ouvindo sua voz e sendo obedientes a Ele. Não basta ter boas intenções, mas um compromisso verdadeiro.

Como representante dos obreiros no campo, quero concluir dizendo que Deus é o que nos tem chamado e é nosso provedor. Ele mesmo nos deu uma visão e uma missão para a qual estamos dispostos a pagar o preço. Não importa qual seja o sacrifício nem o custo que tenhamos que pagar ao arriscar nossas famílias e filhos em situações perigosas, se for necessário. Mas também, estamos dispostos a orar para que Deus nos ampare, com outros meios, quando nossa igreja não o faça. Temos aprendido a viver na escassez e na abundância. Estamos convencidos que ao ter dado nossa vida a Cristo, dependemos d'Ele. E de verdade, é um privilégio servir ao Reis dos reis e Senhor dos senhores. Nos alegramos grandemente fazendo Sua vontade. Estamos tão felizes e convencidos do que Deus quer fazer, que nosso lema é: "Até que a Turquia seja de Cristo."

Ainda há muito trabalho. Deus quer fazer grandes coisas, mas para fazer grandes coisas são necessárias grandes equipes. Pedimos das igrejas compromisso e não só boas intenções.

Pastores, Deus os tem posto no ministério e damos graças por suas vidas, já que sua luta não é fácil. Seu trabalho implica muita responsabilidade e tomada de grandes decisões. Por isso, hoje, quero fazer-lhes um chamado. Em nome de todos os missionários no mundo e de toda gente que ainda não conhece a Jesus, e recordando a passagem do varão macedônio em Atos 16, da mesma forma hoje me ponho diante de todos vocês e com o coração na mão lhes rogo: Sós, não podemos, a tarefa é enorme. Venham e nos ajudem!

Mensagem para a igreja: Lições de Deus no campo

Nájua Diba

Introdução

O chamado de Deus

Somente aos trinta anos nasci de novo. Era o dia 6 de maio de 1978, e neste dia da minha conversão, Deus falou-me de meu chamado missionário que prontamente aceitei e com muita gratidão em meu coração.

Nove meses depois, em fevereiro de 1979, estando em um acampamento, numa fila para o almoço, perguntei ao Senhor, “Onde Tu queres que eu vá?” E a resposta veio direto ao meu coração: Albânia! Não sabia nada sobre esta nação.

Pesquisei e encontrei pouca literatura sobre a Albânia, mas fiquei sabendo que era na Europa, que estava debaixo de um regime ditatorial comunista, ateuista e percebi o desejo e a sede deste povo por liberdade. Havia muito que aprender.

Aprendizados que foram relevantes para meu trabalho no campo missionario

Período de treinamento

1- Era preciso aprender a lição de Isaias 50:10. Deus tinha a lição do silêncio, da falta de luz para mim. Lição esta para firmar minha fé, minha confiança nele e meu caráter. Confiar não nos sinais, mas em sua Palavra.

2- A segunda lição foi a de aprender a ouvir, Deus me deu o privilegio de ser ensinada. Houve lágrimas em ambas, mas creio que valeu a pena aprender a ouvir os outros. Isso me levou a um aprendizado cristão mais nobre, que é o de valorizar e ajudar outros a crescerem e servirem ao Senhor.

3-A terceira lição é que Ele é fiel. Isto traz segurança e capacidade para dar passos de fé. As finanças são uma das dificuldades para os missionários sul-americanos. No meu caso, mesmo sem as condições necessárias para sair do Brasil, dei passos de fé e nunca passei alguma privação nestes 21 anos de ministério, apesar das dificuldades.

A clara direção de Deus

Desde o dia de minha conversão, coloquei-me a disposição do Senhor para lhe obedecer em tudo. Isto me levou a afinar os ouvidos para ouvir a Deus a fim de fazer sua vontade em qualquer circunstância que fosse. Exemplos concretos disto:

1- Estava em Ohrid, na Macedônia e atravessava uma rua . Na direção contrária vinha uma senhora. Ouvi o Senhor me dizer: “Esta também é filha de Abraão.” Dei uns passos, mas não pude continuar. Voltei e falei com esta senhora que de fato era da cidade de Haifa, Israel e pude compartilhar com ela sobre o seu verdadeiro Messias, visto que ela estava começando a freqüentar mesquitas islâmicas para ver se encontrava Deus.

2- Na Inglaterra, um dia, aproximei-me de uma senhora, na rua, e dando lhe um folheto, falei que era um recado de Deus para ela. Recusando, ela retrucou que não queria nada com Deus.

Eu lhe disse: “Ele sabe disto, na sua palavra está escrito. ”Ela voltou-se e disse: “Está mesmo?” Disse-lhe: “Está escrito: Não há quem busque a Deus.”

Ela voltou-se para mim e disse-me: ”Dê-me este folheto e foi-se.”

3- Ouvindo ao Senhor para falar d’Ele a outros, logo na minha primeira semana de Kosova, o Espírito me dirigiu literalmente a conduzir uma jornalista a Cristo. Deu-me frase por frase, passo a

passo, e deu certo, ela nasceu de novo naquele exato momento. Estas são operações que só o Espírito de Deus pode fazer e nos ensinar.

4- Na Albânia. Estava orando para que Deus me desse uma pessoa, não só para ser minha amiga, mas uma pessoa chave para o Evangelho em Tirana, especificamente em relação ao meu trabalho. Em janeiro de 1990, estando em Tirana, nos últimos minutos da viagem, quando o ônibus já esperava para voltarmos para Kosova, Deus me dirigiu para falar à camareira do hotel que estava arrumando o meu quarto. Também deu certo.

Lições em Kosova

Entre o tempo de Inglaterra (1985 e 1986) e o de Kosova (1987 a 1990) visitei a Albânia comunista por seis vezes, para conhecê-la e orar. Foram muitas as experiências e não há como contá-las agora. Nos anos 60, quando a Albânia declarou-se ateísta, o Espírito de Deus moveu a sua Igreja no mundo para orar por este povo. Há histórias fantásticas deste lindo trabalho de oração. Uma delas é a história de Erica Burrows, inglesa, uma mulher simples, viúva... Ela orou por mais de 20 anos pela Albânia e quando eu estava morando em sua casa, fui visitar pela primeira vez a Albânia. Era o ano de 1986, ainda no tempo do comunismo. Antes de sair de sua casa para ir ao aeroporto, Erica me deu as palmilhas de seus sapatos e me disse: “Eu orei muito pela Albânia e gostaria de ir, mas não posso. Ponha estas palmilhas em seus sapatos para que através de você eu possa andar pela Albânia e quando voltar, devolva-mas.”

Sem amor e compaixão, não há Missão Cristã

A oração moveu as viagens de oração, as viagens de oração abriram portas para os contatos de amizade e evangelismo e assim a Igreja do Senhor triunfou na primeira batalha para a abertura, evangelização e plantação de igrejas na Albânia, organizada pela pessoa do Espírito de Deus.

Em Kosova, aprendi uma grande parte de meus conhecimentos sobre a cultura e a história da Albânia. Ali, Deus me ensinou também muita coisa importante para a plantação de igrejas em contexto islâmico.

1 - O aprendizado sobre a escravidão de muitos que se rendem ao domínio de espíritos maus em diversas formas, incluindo “casamentos” com gins. Mulheres e homens que se “casam” com espíritos, os gins, e são dominados sexualmente por eles. Conheci pessoas dominadas por estas hostes através de práticas ocultas e adoração a ancestrais.

E estes espíritos maus atacam cristãos, missionários que estão na frente, evangelizando e quebrando o duro terreno destes corações pregando a Palavra de Deus na intrepidez do Espírito. É preciso muita cobertura de oração para que não haja estes ataques imundos.

Aprendi que precisamos saber com quem realmente estamos lutando para ganhar as almas para Cristo.

2 - Outra lição foi a de como quebrar terra endurecida através da oração, pela Palavra de Deus e no exercício da pregação em circunstâncias proibidas. Na ex Iugoslávia, era proibido fazer proselitismo a custo de prisão ou expulsão do país. Nestas circunstâncias, Deus me tirou todo o medo e duas coisas comecei a fazer constantemente:

a) testemunhar na Universidade de Prishtina para estudantes, professores e também dei o mesmo testemunho diante de autoridades, polícia e muitos outros;

b) falar a Palavra de Deus orando. Por ex. Todas as vezes que entrava na Universidade, ao por o pé no primeiro degrau das escadas, começava a falar o primeiro capítulo do Evangelho de João e orava. Hoje, um dos líderes da Igreja de Kosova, então estudante, converteu-se lendo este primeiro capítulo, sem a ajuda de ninguém. E este moço é um dos melhores apologetas cristãos que conheço na área do Islamismo.

Período na Albânia propriamente dito

Em 15 de abril de 1991 fui para a Albânia. Lumturia Morava, a camareira do hotel que havia conhecido um ano antes, recebeu-me em sua casa. Ela correu o risco de ser presa e mandada embora de seu trabalho, pois ainda eram os últimos dias do governo comunista. Começou a me apresentar para os amigos e para toda a sua família, seus parentes. Passei a falar-lhes do Senhor. Uma história que me comove é a história da conversão do filho da Lumturia. Ele estava com 11 anos de idade. Quando comecei a falar veio uma unção do Espírito Santo muito clara e deu-me poder e capacidade para explicar o Evangelho de uma maneira tal que pensei: “este homem por certo vai receber a Jesus...” Puro engano meu, na verdade o menino de 11 anos entendeu e recebeu o Senhor, e até hoje O serve.

Naqueles dias, proclamei o Evangelho para muitas pessoas que receberam ao Senhor e em outubro de 1991 organizamos uma Igreja Evangélica que chamamos “Emanuel”.

A estratégia da AEP¹ - Projeto de Encorajamento para Albânia

No final dos dois primeiros semestres de 1991, chegaram muitos missionários na Albânia e cada um com sua história linda de como Deus os tinha chamado e levado para lá. Um verdadeiro network realizado por Deus com missionários vindos de vários países. Muitos deles haviam se preparado em Kosova, estudando a língua albanesa e aprendendo a cultura. Chegaram também outros brasileiros e vários latino-americanos. Na primeira reunião da AEP, Deus, em sua sabedoria, nos dirigiu para uma estratégia: cobrir todo o território albanês em pouco espaço de tempo, distribuindo estes missionários de norte a sul, de leste a oeste.

É um tanto difícil explicar em poucos minutos uma história cheia de complexidades como é a história do Cristianismo na Albânia e especialmente a Albânia pós-comunista. A AEP até hoje tem servido a comunidade missionária de uma maneira efetiva em diversas áreas, inclusive na unidade do corpo missionário.

Na plantação de Igreja na Albânia tivemos que enfrentar batalhas internas e externas.

As lições foram e são muitas; tive muitas vezes alegrias e muitas vezes tristezas. Quero citar algumas:

- 1- Gosto e penso que o método de John Nevius, que trabalhou na Coreia, é um método relevante para nós hoje. Quis aplicá-lo, em parte, na nossa igreja em Tirana - os seminários, onde se ensina, se discipula e treina os crentes para o serviço de edificação da igreja. Falei com meus colegas de trabalho, mas em vez de nós mesmos ministrarmos os seminários, vieram pessoas de fora. Eram pessoas muito preparadas e conhecedoras da situação político-social da Nação, mas eu percebi que ministraram, fora da realidade dos nossos irmãos albaneses. Não conheciam o nível de espiritualidade deles, nem a cultura, e ministraram como se ministra no ocidente, para pessoas que vivem numa sociedade cristã. A realidade da Albânia comunista era bem outra. Um aparte: na cultura albanesa existem pelo menos onze pontes culturais que se pode ligar com evangelismo e certos ensinamentos bíblicos.
- 2- Outro problema foi o do discurso contínuo para educação do povo no período comunista e sua principal consequência. Em 1991, a retórica Marxista-Leninista e os discursos contínuos produziram um fenômeno que foi uma das barreiras no começo da Igreja. Este novo homem albanês, que foi politizado dia após dia com o discurso Marxista-Leninista e por seu ditador Enver Hoxha, parecia hipnotizado por estes discursos que começavam pela manhã, ao ir para o trabalho, e continuavam até ao ponto de nas férias de verão estar pelos altos falantes, pelas praias, ocasionando o que chamo de “hipnotismo coletivo”. Nos primeiros dois anos de Plantação de Igreja na Albânia foi pela unção do Espírito Santo que este “hipnotismo coletivo” foi quebrado. A unção quebra o jugo.

¹AEP (Por sus siglas en inglés: Albania Encouragement Project).

- 3- No final de 1991, comecei um trabalho na periferia de Tirana, na pequena localidade de Kamze. Na Igreja Evangélica de Kamze, procuramos implantar os seminários, de 4 a 5 por ano, e isso resultou no fortalecimento, maturidade, compromisso e serviço dos crentes. Temos uma Igreja pequena, onde a maioria serve, cooperando em diversos serviços ministeriais. Desta vez, quem ministrou nestes seminários foram pessoas que conheciam a Albânia, a sua realidade, e gastaram suas vidas no Ministério da Palavra para com este povo. Também albaneses chamados para este ministério, como o pastor Xhevdeti Arapi e outros que cooperaram conosco, inclusive um casal de brasileiros, da Missão Antioquia.
- 4- Vida, ensino e prática: quero deixar claro que não foram só os seminários, mas o treinamento dos crentes, feito de uma maneira prática. Vivendo, ensinando e fazendo junto com eles, para que tivessem um modelo. E este tipo de treinamento, vida, ensino e prática, foi o método mais efetivo na edificação de nossa Igreja de Kamze. Penso que foi o método de Jesus.
- 5- As crianças – De maneira geral, o trabalho com crianças, desde o principio em 1991, até agora, tem sido muito importante no que se refere à implantação de Igrejas na Albânia.

Desde o início de nosso trabalho em Kamze, as crianças ocuparam um lugar especial e foi através deste trabalho que a Igreja cresceu, pois destas crianças, algumas permaneceram e hoje fazem parte ativa do ministério como obreiros e como líderes.

Uma lição do passado para o futuro

Desde o primeiro século, o evangelho foi pregado por estas terras; foi pregado na Idade Média, nos séculos 18,19 e 20 e agora no século 21, porém durante todos esses ciclos históricos, não criou raízes, o Evangelho não passou para a outra geração, ocasionando vazios entre uma tentativa e outra de implantar Igrejas na Albânia. Não houve nem seqüência e nem continuidade, o que prejudicou o desenvolvimento da Igreja do Senhor nesta Nação. Este é um desafio que temos nesta nova fase. Hoje, a Igreja Evangélica na Albânia está na maior parte das cidades e em muitas vilas. Há muitas organizações ajudando em evangelismo e treinamento de obreiros, há escolas bíblicas, duas rádios evangélicas que têm cooperado com o crescimento de muitos crentes. Há escolas da infância a juventude, de orientação cristã, com o compromisso sério de formar cidadãos úteis para a Nação e para o mundo. Há muitos outros serviços à disposição da Igreja e dos crentes.

A Igreja do Senhor lutou para sobreviver a toda uma história de perseguição através dos séculos nesta Terra das Águias, onde a brisa balança nos ares a bandeira vermelha com a águia de duas cabeças, e de onde se faz ouvir o sussurro milenar da Língua Shqipe, Albanesa, testificando a história antiga deste povo nobre, em que na busca incessante arqueológica para achar esta tão amada língua escrita, o primeiro achado foi: “Eu te batizo no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.” Amém.

Mensagem para a igreja: Necessidades e desafios

Carlos Zapata

“Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? Como crerão naquele de quem não ouviram? E como ouvirão se não há quem pregue? E como pregarão se não forem enviados?” Rm 10:13-15

Necessidade do envio

Há poucos meses, tivemos uma reunião para despedir um casal de missionários que havia investido cinco anos de suas vidas trabalhando no mundo muçulmano. Todos se encontravam muito tristes, principalmente, os nacionais do país onde eles estavam trabalhando. Lembro-me que na ocasião eu disse: “Eles vão, mas Deus fica nos seus corações.” Logo, um muçulmano de 60 anos de idade, convertido, com lágrimas nos olhos, acrescentou: “Quero agradecer a este casal e a todos vocês estrangeiros por deixar seu país, suas famílias, suas casas, sua língua, sua cultura, para vir nos ensinar e nos mostrar, com suas vidas, o amor de Deus, porque na verdade este povo não sabe nem entende o significado da palavra amor”.

Quantas vezes temos escutado esta afirmação: Deus te ama! De tanto ouvi-la, às vezes a tomamos com leviandade, mas para os muçulmanos não é assim. Eles querem mostrar seu temor a Deus por meio de ritos, sacrifícios, lavagens, etc, mas eles sentem uma coisa diferente ao escutar essa expressão de amor. Essa verdade é desconhecida e difícil para eles crerem.

Mas, como saberão do amor de Deus se as igrejas não enviam? Em uma ocasião, um missionário da América Central expressou: “Nosso país já tem 115 anos de evangelização interna (só dentro de casa). As barreiras denominacionais não permitem nos organizar para alcançarmos as nações. O paternalismo tem impedido nosso desenvolvimento. A igreja não tem assumido a responsabilidade de Mateus 28. Somos a terceira família missionária que saiu do nosso país, mas o triste é que não somos sustentados pela igreja local”. A raiz de tudo isso, será explicada nos pontos seguintes.

A necessidade de sustentar o enviado

“Quem jamais vai à guerra a sua própria custa? Quem planta a vinha e não come do seu fruto?...Porque na lei de Moisés está escrito: não atarás a boca ao boi que debulha. Tem Deus cuidado dos bois, ou não o diz certamente por nós? Pois por nós escreveu... Assim também ordenou o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho.”

I Co 9.7-11,14.

Esta é uma área muito frágil dentro da igreja ibero-americana. Lamentavelmente, não se tem ensinado ou não se tem desafiado seus membros a investir na evangelização do mundo. É por isso que encontramos a falta de fé para dar.

Devemos deixar a idéia de que por sermos latino-americanos, não podemos. Isto é uma grande mentira! O missionário sobre o qual compartilhei anteriormente foi enviado por sua igreja local na América Central. Esta igreja tem cinco mil membros, e cada domingo são celebradas quatro reuniões. No entanto, eles não recebem absolutamente nada de apoio econômico. Se tão só ofertassem um dólar por mês, quantos missionários podiam sustentar com cinco mil membros?

Outra jovem me dizia: “Carlos, como é importante que a igreja entenda que no momento de licença, quando o missionário regressa a seu país, ele também precisa ser sustentado. Mas o que me disseram foi que enquanto estou em meu país, e não no campo, não me darão o sustento. Mas nós

precisamos nos mobilizar, dar conta do nosso trabalho, não devem se esquecer que durante esse tempo também comemos.”

Quando aceitamos sustentar os obreiros no campo estamos cooperando com a verdade (III Jo 7 e 8). É certo que muitas igrejas têm medo de investir em missões por causa das más experiências; têm sido enganadas por parte de alguns missionários que vivem um padrão de vida muito mais alto do que as pessoas que querem alcançar. Alguns deles com carros muito caros, outros enganam as igrejas nos relatórios e informações que enviam, mas isso pode ser evitado se houver um acompanhamento e pastoreio no campo.

Necessidade de pastorear o enviado

Quando fiz algumas perguntas a vários companheiros latinos no campo sobre o pastoreio que eles estavam recebendo, alguns riram e outro me disse: “o pastoreio (das igrejas enviadoras) não existe! Sentimos-nos muito sós e fazemos um esforço enorme para cuidar da nossa família. Deus nos tem ajudado para podermos nos auto-sustentar espiritualmente. Já faz um ano que estamos no campo e nunca recebemos uma carta do nosso pastor, mas lembro das palavras que me disse antes de sair do meu país: Não importa quanto tempo você fique lá, ou onde será missionário, o seu dízimo, o esperamos aqui.”

Outra jovem missionária me disse o seguinte: “faz duas semanas que escrevi uma carta urgente ao meu pastor, eu tinha que tomar uma decisão: abandonar o país ou tratar de conseguir um novo visto que requeria um custo a mais no orçamento. Tenho que tomar logo essa decisão, pois meu passaporte está retido. Como ele não me respondeu, escrevi a minha mãe pedindo-lhe que por favor perguntasse pessoalmente ao pastor e ele disse: ainda não li a carta, dizia algo importante?”

Reflexão

Damos graças a Deus por tudo o que está ocorrendo em nosso meio. Estamos aqui porque queremos escutar o que Ele está fazendo. É verdade que há muitos líderes e pastores que estão começando a envolver-se, e estão aqui justamente porque querem ser protagonistas. Vocês são privilegiados por estar neste congresso e devem ser porta-vozes de tudo o que têm escutado. É um tempo de despertar. Nossos anos de sofrimento, as histórias de injustiças, nossos governos ditatoriais, as crises econômicas e a pobreza nos fazem compreender melhor a gente a quem vamos ministrar.

Há países no mundo que têm uma grande história em missões e seus missionários estão saindo com uma boa cobertura econômica, suprimindo assim suas necessidades presentes e futuras. Mas tudo isso é porque suas igrejas têm se transformado e se desenvolvido na área de missões. Tem havido um comprometimento no sentido de contribuir por toda a vida do missionário no campo e não abandonam seu ministério, sua família e seus filhos. Eu me alegro muito por isto.

Quero dizer à igreja ibero-americana que ainda neste tempo Deus se alegra com aquelas igrejas que enviam e com homens que saem por fé. Muitas delas, mesmo com pouco, não têm impedimento para enviar. E para aqueles que têm o chamado para ir ao campo, quero dizer-lhes que Deus sustenta e sustentará suas vidas. Estou seguro, porque essa tem sido a minha vida. Só é necessário confiar que Deus pode guardar sua vida e que Ele é poderoso para prover todo o sustento que sua família necessita.

Não podemos esperar ter todos os recursos para dar ou enviar, devemos dar passos de fé para ver a mão de Deus atuar. Muitas Igrejas não são esclarecidas sobre o que devem fazer com as pessoas que têm um chamado para missões porque não têm projetos, departamentos missionários, ou não sabem como canalizar o chamado dos seus obreiros. A melhor possibilidade para mudar esta situação é fazer alianças estratégicas com outras igrejas que já estão organizadas, ou seja, unirem-se na cooperação com outros.

Devemos saber que há histórias muito tristes de abandono dos obreiros no campo. Se vocês começaram a apoiar um obreiro, continuem até o fim do seu ministério, não só na área do sustento, mas também no cuidado pastoral. Deus é fiel e recompensará a cada um segundo sua obra.

Seção 4

Consultas temáticas

Introdução

As consultas temáticas foram idealizadas como parte fundamental do III Congresso Missionário Ibero-americano e de todo o Processo COMIBAM III. Essas reuniões de trabalho têm como finalidade estudar e discutir a fundo as propostas do campo em relação a cada uma das áreas do processo missionário nas quais o COMIBAM Internacional tem desenvolvido programas para ajudar o movimento missionário ibero-americano. Além do formato de consulta, trabalharemos para atualizar os congressistas sobre cada um dos projetos que têm sido realizados dentro do movimento e serão listadas as diferentes oportunidades e necessidades que temos para fortalecer, reestruturar e seguir adiante ajudando a igreja ibero-americana na sua missão.

Essas consultas devem beneficiar a cada um dos autores do trabalho missionário (diretores de agências, professores de missões, pastores de igrejas enviadoras, líderes de comitês, etc) para conhecerem a realidade vivenciada a partir da perspectiva do campo e como isso afeta o trabalho atual desenvolvido por nossas igrejas e instituições.

As conclusões que surgirem de cada uma delas, somadas aos resultados de investigações, nos darão passos concretos para estabelecer estratégias definidas para o futuro que devemos enfrentar na expansão do evangelho a partir da Iberoamérica.

Por estas e muitas outras razões pedimos que tenha em conta as seguintes recomendações:

- 1- Participe, durante os quatro dias do evento, de uma só consulta temática. Cada uma das consultas desenvolverá um esquema de trabalho com temas encadeados que não permitem que você tenha um conhecimento pleno caso não participe da totalidade das discussões.
- 2- As conclusões que serão geradas cada dia devem ser o resultado das propostas de cada um dos participantes. É muito importante para o processo que você se mantenha no mesmo grupo de trabalho.
- 3- Em cada uma delas serão encontradas soluções, estratégias e novas formas de trabalho. Tenha em conta que se você muda de uma consulta para outra, você se sentirá perdido em relação ao ritmo de trabalho que vem se realizando antecipadamente.
- 4- Dentro da consulta haverá a oportunidade de conhecer, contar sua própria experiência e contexto, e retro alimentar sua reflexão a partir do ponto de vista dos missionários de campo. Não perca a oportunidade por nenhuma razão de dar seu suporte, sugestões e opiniões.
- 5- Depois de sair dessas consultas, recomendamos que vá às reuniões nacionais e compartilhe toda a informação que recebeu para enriquecer e apoiar o movimento nacional do seu país.
- 6- Não perca a oportunidade de contatar os que estão trabalhando em vários países da Iberoamérica, assim como de conhecer e comprar materiais que o ajudem a realizar seu trabalho no seu próprio país.

Rede de centros de capacitação

Salão: Restaurante B

Estamos convencidos de que a capacitação missionária integral é crítica para a missão da rede de capacitação do COMIBAM Internacional, cuja visão é expandir o reino de Cristo entre os grupos não alcançados. A partir da última assembléia do COMIBAM Internacional, celebrada em El Salvador, em 2003, muitos obreiros e ministérios dedicados à capacitação missionária têm orientado seus esforços baseados nas seguintes premissas:

Missão

Estimular, facilitar e apoiar o treinamento missionário integral de forma global.

Visão

Ter uma rede ibero-americana de capacitadores que equipam eficazmente os missionários para a colheita global, compartilhando visão, experiências, especialização e recursos.

Valores

Comprometidos a ser uma comunidade internacional de capacitadores para o treinamento em nível de excelência dos missionários transculturais.

Objetivos

- a. Facilitar e manter uma rede de comunicação global e eficaz entre os capacitadores missionários
- b. Estimular nos centros de treinamento uma visão estratégica frente à situação global.
- c. Facilitar o desenvolvimento de recursos culturalmente relevantes e apropriados para o melhor desenvolvimento de programas de treinamento de missionários.
- d. Contar com um maior número de especialistas para o treinamento missionário, que sejam capazes de treinar os novos capacitadores e que, por sua vez, possam atuar como consultores dos distintos programas e centros de treinamento.
- e. Estimular a valorização dos resultados de capacitação missionária integral.

Queremos ver funcionar corretamente programas que permitam completar a capacitação dos candidatos a missionários dentro do contexto no qual servirão em seu período de imersão transcultural e que, ao mesmo tempo, sejam acessíveis a todos os programas de capacitação do continente.

Os resultados das consultas têm favorecido e impulsionado o surgimento de um ministério especialmente dedicado à provisão de determinados recursos necessários para os capacitadores latinos, como a tradução de determinados livros sobre missões e missiologia. Alguns destes livros já estão sendo oferecidos neste congresso. A rede está estimulando e potencializando os distintos ministérios que a compõem, já que são os recursos que podem cobrir as necessidades que se apresentam. Estão surgindo diversas e importantes alianças por meio das quais os objetivos propostos se concretizam. Isto nos anima e nos convida a estarmos abertos aos resultados do congresso e a encorajarmos todos os envolvidos que se unam a este mover missionário divino que estamos experimentando.

Rede de igrejas e pastores

Salão: Restaurante A

Objetivos

- a. De acordo com o que se ouviu cada dia no congresso, se chegará a uma conclusão que será debatida na consulta.
- b. Serão conhecidas, mais profundamente, as realidades do campo. Isso nos dará um indício de como potencializar e aperfeiçoar a preparação dos candidatos, envio e participação nos projetos e mobilização da igreja através dos congressos consultas e recursos.

Temas Gerais

- a. Equipar e capacitar o candidato na cooperação com os centros de capacitação.
- b. Participação da igreja local no projeto de campo.
- c. Cooperação, ensino e recepção
- d. Igreja local contra agência receptora?
- e. O que espera a igreja local (o pastor) da instituição receptora?(ONG, agências, igrejas, outras)
- f. Que esperam os receptores dos enviados?
- g. Quem são os responsáveis pelo missionário no campo? A quem pertence o projeto a ser desenvolvido?
- h. Os centros de capacitação missionária estão suprimindo a preparação da igreja ou estão complementando?
- i. Como as agências missionárias que recebem entendem o desenvolvimento da cooperação com a igreja enviada? Que ingerências a igreja enviada nas decisões do campo?
- j. O que se entende por sócios na missão?
- k. Temas do resultado da investigação que o COMIBAM dará suporte.

Forma de Trabalho

- a. Grupos
- b. Fóruns
- c. Painéis
- d. Seções
- e. Mesas de trabalho

Estratégias de Trabalho

- a. Será feita uma indução e um encerramento em cada dia.
- b. Serão ajustados os conceitos básicos da rede.
- c. Será aproveitada a participação dos pastores para escutá-los.
- d. Serão listados os desafios e pautas a seguir.

Rede de estruturas de envio

Sala: Seminário 3, 4 e 5

Objetivos

- a. Fundamentar e fortalecer o conceito e a função das estruturas de envio na e a partir da América Latina.
- b. Identificar debilidades e pontos fortes das estruturas de envio, para implementar passos de ação.
- c. Encontrar soluções para a problemática apresentada pelos obreiros de campo numa perspectiva de trabalho conjunto com as igrejas enviadoras.
- d. Fomentar o desenvolvimento de alianças estratégicas para o trabalho no campo entre obreiros e projetos.
- e. Oferecer ferramentas para um melhor funcionamento das estruturas de envio.

Temas gerais

O que é uma estrutura de envio?

- a. Devemos definir claramente o que é e o que faz uma estrutura de envio.
- b. Uma estrutura de envio envia missionários.
- c. Muitas organizações são promotoras de missões e não estruturas de envio.

Administração das estruturas de envio

- a. Manejo de finanças (contabilidade, auditorias, reportes, etc.)
- b. Como se levantam fundos
- c. Manejo de pessoal
- d. Solução de conflitos
- e. Assuntos legais com o governo
- f. Prestação de contas
- g. Apresentar projetos
- h. Planejamento estratégico
- i. Alianças

Mobilização e recrutamento efetivo nas estruturas de envio

- a. Muito ativismo, mas poucos frutos
- b. Onde estão os candidatos?
- c. Ferramentas na mobilização

Relação e trabalho com agências estrangeiras

- a. Estratégias de trabalho multicultural
- b. Quem são eles e quem somos nós?
- c. Entendendo nossas diferenças
- d. Alianças estratégicas
- e. Campos, pressupostos, capacitação
- f. Tomada de decisões, lideranças compartilhadas
- g. Cooperação, não chefes!

Cuidado integral

Salão: Andalucía 2 y 3

Objetivos

- a. Criar consciência nos movimentos missionários nacionais da urgente necessidade que existe no cuidado integral dos obreiros ibero-americanos.
- b. Descobrir os problemas e fazer ajustes necessários no cuidado integral para ajudar a igreja a ser mais efetiva no cuidado dos seus obreiros.

Temas gerais

1- O cuidado integral antes, durante e depois

- a. Conscientizar a igreja sobre o cuidado integral dos obreiros
- b. Comunicações e visitas pastorais
- c. Relações entre: igreja, agência e obreiro

2- Causas do abandono do campo ou do regresso prematuro

3- Capacitação antes, durante e depois

- a. Fundamento bíblico
- b. Capacitação transcultural
- c. Aprendizagem de idiomas
- d. Aprendizagem de áreas técnicas

4- Finanças: desafios

- a. Revisões de orçamentos.
 - Validando os custos reais de vida no campo
 - Gastos de moradia no campo
- b. Rede de igrejas para sustento de obreiros.
- c. Envio de dinheiro. Responsabilidades e processos.
- d. Planos de aposentadoria.

Formas de trabalho

- a. Criação de folhas de registro e conclusão. Através destas, se recolherá toda a informação dos assistentes para logo ser processada pela equipe de facilitação.
- b. Será dada uma retro alimentação cada dia aos assistentes com as conclusões do dia anterior. (7 minutos).

Estratégia de trabalho

- a. Daremos uma ênfase na importância da consulta para que cada assistente permaneça nos quatro dias de duração.
- b. Cada dia, a consulta terá início e fim. Isto quer dizer que teremos conclusões dos temas discutidos diariamente, a fim de não perder as apreciações dos presentes
- c. Serão trabalhados os temas de campo que são o objetivo do congresso, como também as necessidades da área do cuidado integral de cada um dos países, assim como as estratégias para incrementar este tema entre as igrejas.

Alcance uma etnia (AUE)

Salão: García Lorca

Objetivos

- a. Entender a centralidade e cada detalhe do programa Alcance Uma Etnia e os recursos disponíveis.
- b. Compartilhar e ter idéias próprias para o lançamento da AUE (estratégias para envolver as igrejas).
- c. Ter conhecimento para promover AUE em diversos níveis.
- d. Criar consciência sobre a importância de trabalhar na rede para que cada participante da consulta seja promotor de AUE, de tal maneira que surja um coordenador nacional em cada país representado onde ainda não haja.
- e. Que cada país tenha um coordenador nacional de AUE.

Temas gerais

No caso da AUE, devido à falta generalizada de conhecimento e de ações concretas, serão temas de capacitação. Além disso, haverá um tempo dedicado a avaliação do que já foi feito em cada país.

1º Dia

- a. Definições
- b. Base bíblica
- c. Base estratégica e vantagens
- d. Um olhar para a realidade étnica do mundo
- e. O capitão à frente do exército
- f. O método
- g. O objetivo
- h. A tarefa pendente
- i. Facilidade de alcançar a meta

2º Dia

- a. Exposição do desenvolvimento em diversos países
- b. Menu das estratégias

3º Dia

- a. Quem pode alcançar uma etnia?
- b. Antecedentes históricos e metas por país
- c. O compromisso
- d. Recursos disponíveis

4º Dia

- a. Revisão de estratégias
- b. Vantagens e desvantagens
- c. Identificação de outras estratégias
- d. Fatores nacionais que afetam a estratégia
- e. Identificação da melhor estratégia a ser usada

Alianças estratégicas

Salão: Manuel de Falla

Objetivos

- a. Atualizar o progresso das alianças estratégicas no alcance dos não alcançados.
- b. Revisar os elementos e o processo para o desenvolvimento de alianças.
- c. Avaliar o impacto que as alianças podem ter em ajudar a solucionar os temas prioritários do movimento missionário ibero-americano (segundo sejam apresentados no congresso).
- d. Compartilhar as ferramentas disponíveis para o desenvolvimento de alianças.
- e. Analisar os resultados da investigação.
- f. Ajudar nos processos de cooperação missionária no e para o continente.
- g. Conhecer a realidade do campo e como podemos incrementar a efetividade e o impacto das alianças na Iberoamérica que repercutem no trabalho missionário.
- h. Educar nossos líderes e candidatos a missionários nas bases bíblicas da unidade e a cooperação do reino, dando-lhes ferramentas práticas para poder trabalhar como corpo de Cristo.

Temas gerais

- a. Conceitos básicos de alianças estratégicas
- b. Testemunhos de alianças e frutos
- c. Elementos e processos de alianças estratégicas
- d. Panorama mundial e ibero-americano

Formato de trabalho

- a. Diálogos
- b. Grupos
- c. Mesas de trabalho
- d. Painel de discussão: estarão presentes, entre outros: Alex Araújo, Phil Butler, Douglas Livingston, Andrés Casanueva, Guillermo Taylor, Bertil Ekström.

Ferramentas

- a. Serão apresentados os livros ‘Alianças Estratégicas’ de Daniel Rickett e Omar Gava, e ‘Bem conectados’ de Phill Butler.
- b. Será apresentado o novo site de Alianças Estratégicas do COMIBAM Internacional.
- c. Todas as apresentações de Power Point e demais ferramentas estarão disponíveis para uso dos participantes.
- d. Vários palestrantes e todos os membros da equipe de instrução estarão disponíveis para consultas específicas de alianças estratégicas durante o congresso.

A mulher e a missão

Salão: Albeniz

Objetivos

- a. Reconhecimento do papel primordial da mulher na força missionária ibero-americana em todas as frentes de trabalho.
- b. Prover e enriquecer a mulher missionária ibero-americana de todos os recursos existentes.
- c. Mobilizar a visão mundial para os ministérios femininos existentes em cada país e envolve-los numa ação missionária.
- d. Envolvimento nos programas, redes e fóruns do COMIBAM

Temas gerais

Dia 1 – A mulher como pessoa

- a- Atenção pastoral e integral às mulheres da equipe.
- b- Treinamento sobre aconselhamento para a atenção das mulheres.
- c- A mulher sozinha(solteira, viúva, outros casos) no campo
- d-Como melhorar a qualidade de vida no campo
- e- Casamento
- f- Filhos na idade de educação média e superior

Dia 2 – A mulher e sua preparação

- a- Capacitação adequada para a mulher e os filhos na família missionária
- b- Antes da saída, durante o tempo no campo e depois do retorno
- c- Projetos de desenvolvimento para a mulher no contexto de pobreza
- d- Áreas de trabalho nos diferentes contextos do campo(budistas,animistas,tribais,islâmicos,hinduístas,etc).

Dia 3 – A mulher na mobilização

- a- Trabalhando na conscientização e informação
- b- Desenvolvimento de programas de intercessão
- c-Administração de recursos e ferramentas
- d- Papéis de liderança e equipes de trabalho
- e- Aspectos positivos e negativos no seu gênero
- f- O suporte valioso da mulher na igreja local
- g- A mulher no ensino, no cuidado, o apoio logístico, etc

Intercessão

Salão: Picasso

“Busquei entre eles um homem que tapasse o muro e se colocasse na brecha perante mim, a favor desta terra, para que eu não a destruísse; mas a ninguém achei.” Ez 22:30

A oração intercessora significa apresentar-se perante Deus no lugar de outra pessoa, é advogar a causa de um indivíduo, de um grupo ou de uma nação. Por conseguinte, a igreja tem a responsabilidade de instruir, motivar e mobilizar seu povo para a tarefa de interceder em grupo e individualmente pelas etnias não alcançadas. Se queremos cumprir a grande comissão, este deve ser nosso primeiro chamado.

Objetivos

- a. Desafiar os movimentos missionários nacionais de cada país, a fim de que ensinem e direcionem as igrejas locais na Iberoamérica no sentido de que sejam igrejas apaixonadas por interceder pela obra de evangelização mundial.
- b. Encontrar os formatos e modelos pertinentes para capacitar as lideranças, tanto a atual como a emergente, dos movimentos missionários nacionais.
- c. Fazer uma investigação entre os presentes, sobre as ferramentas mais usadas no continente para a intercessão e os métodos que deveríamos usar para transmitir a visão e para dar treinamento às igrejas.
- d. Fomentar em cada região movimentos de adoração e oração entre as diferentes expressões missionárias.
- e. Facilitar a formação de redes de intercessão no seio de cada movimento missionário nacional em pleno e constante contato com os obreiros no campo.

Temas gerais

- a. Uso de células de intercessão pelos não alcançados e pela obra missionária.
- b. Cobrir de oração os missionários, em suas necessidades mais prementes. Boletins de oração e redes de contato para coletar os pedidos de oração.
- c. Fóruns eletrônicos, seminários e jornadas de intercessão pelos países.
- d. Uso dos recursos existentes e criação de novos recursos conforme seja necessário.
- e. Estratégias de mobilização da igreja local para a intercessão missionária.

Áreas de análise

- a. Problemáticas, deficiências, falhas.
- b. Novas áreas, novas tendências.
- c. Mudança de paradigmas.
- d. Alternativas para soluções
- e. Recomendações gerais.

Linguística e tradução

Salão: Andalucía 1

Objetivos

Examinar cuidadosamente:

- a. O processo levado a cabo na capacitação de obreiros trabalhando na tradução da Bíblia (tradução, alfabetização e investigação).
- b. O fruto obtido (traduções, uso e impacto das Escrituras).
- c. Descobrir quais são as mudanças e ajustes necessários para que o movimento em direção à tradução bíblica melhore a qualidade e a quantidade de seu fruto entre os não alcançados.
- d. Esboçar estratégias efetivas que respondam aos desafios do mundo atual para que haja um impacto das Escrituras entre os não alcançados.

Esperamos dos participantes que assistem pela primeira vez:

- a. Que sejam motivados para envolverem-se na tradução

Daqueles que já estiveram num processo de tradução

- a. Fortalecer o movimento de tradução
- b. Ajustar o plano de trabalho nacional ao plano de mobilização continental
- c. Programar um fórum para o próximo ano

Dos congressistas em geral, esperamos:

- a. Que saibam que há um movimento para tradução da Bíblia que está se fortalecendo (através de materiais apresentados, stands, etc.)

Temas de reflexão

- a. Capacitação linguística
- b. Mobilização para a tradução da Bíblia
- c. Como podemos envolver a igreja

Formato de trabalho

- a. Explicar a todos os presentes os temas relativos à tradução bíblica e desenvolver uma discussão sobre como envolver a igreja ibero-americana nesta área.
- b. Discussões e integração com os envolvidos.
- c. Diariamente, será feita uma retro-alimentação dos temas tratados.
- d. A cada dia a consulta será iniciada com o testemunho de um tradutor de campo, mostrando o impacto das Escrituras em sua própria vida por haver estado envolvido em algum projeto de tradução.

Áreas de análise

- a. Problemáticas, deficiências, falhas.
- b. Novas áreas, novas tendências.
- c. Mudança de paradigmas.
- d. Alternativas para solucionar problemas.
- e. Recomendações gerais.

Seção 5
Plenárias

Missões ao pé da cruz

David D. Ruiz M.

*“Porque vos foi concedida a graça de padecerdes por Cristo, e não somente de crerdes nele”
Fl 1:29*

Sem dúvida alguma, o fato de estarmos sentados neste lindo salão, dando início ao III Congresso Missionário Ibero-americano, é a realização de um sonho para todos nós. Neste momento da história das missões a partir da Iberoamérica, todas as vicissitudes que passamos para chegar aqui passaram para um segundo plano e a expectativa do que ocorrerá predomina.

Para muitos de nós, as lutas para obtenção de visto, os ajustes econômicos e logísticos para chegar a este destino, ou o famoso “jet-lag” (desconforto devido à mudança de fuso horário) é o mais próximo que temos chegado do sofrimento por missões. Somos uma comunidade missional nova e temos visto com entusiasmo e alegria este trabalho, que costuma ser de muito desafio para tantos que são verdadeiros sobreviventes de um ministério extremo, muitos dos quais estão entre nós.

Por isso, o COMIBAM 2006 foi planejado de maneira que uma proporção significativa de seus assistentes fosse de obreiros trabalhando no campo. O que nos permitirá fazer deste tanto um congresso prático como um que atina com profundidade e cuidado para a realidade do campo, suas implicações presentes e futuras para a comunidade missional ibero-americana. Necessitamos ver o campo e o trabalho de lá colocar o evangelho disponível com a dupla perspectiva a qual nos convida a Palavra, com os olhos postos no Senhor, que nos chamou à tarefa, e nos sustenta nela, e com os pés firmes no chão, que representa nosso campo de trabalho.

Durante as plenárias da noite, planejamos uma série de desafios missiológicos os quais temos chamado “Missões ao pé da cruz”. Queremos fazer uma reflexão profunda a cerca das implicações da obra missionária, em particular em temas como a opressão, a perseguição e a pobreza. São esses diferentes tipos de provas que fazem ressaltar o brilho daqueles que foram chamados ao campo para ser e deixar de ser enquanto proclamam as boas novas de Jesus Cristo entre aqueles que não o conhecem, que o recusam, ou que querem ver seu nome extinto da face da terra.

O tema do sofrimento por causa do evangelho não é, precisamente, o mais popular dentro da igreja ibero-americana. Falamos do sofrimento em termos gerais. Falamos de dor pela morte de um ser querido, da perda de trabalho, da falta de recursos para adquirir algo, mas do sofrimento como consequência de ser luz para um mundo em trevas, geralmente, não se fala. Esse tempo já é história. Pelo que parece, nossa memória não chega tão distante, como nos anos nos quais se expunha a vida pregando a Palavra, quando se agonizava diariamente na tarefa de ser “colportor da Bíblia”, quando os pastores se ausentavam por meses para levar o evangelho ao interior de nossos países e a vida pessoal e familiar era marcada pela tarefa de ser pastor.

No entanto, não foi sempre assim na igreja. Ao redor do ano 536, Agostinho de Hipona se vê obrigado a escrever uma carta aos pastores, pondo em evidência a realidade do sofrimento na vida cristã e no serviço, mas, em particular, o perigo da negligência de não ensiná-la, ou pior que isso, a confusão de valores que nos levam a esperar a prosperidade e a vida cômoda:

“O pastor negligente, quando recebe pela fé alguma dessas ovelhas fracas, não lhe diz: *meu filho, quando se aproximares do temor de Deus, prepara-te para as provas; mantenha o coração firme, sê valente*. Porque quem diz tais coisas já está confortando e fortalecendo o fraco, de forma que, ao abraçar a fé, deixará de esperar a prosperidade deste século. Já que se ele é induzido a esperar pela

prosperidade, essa mesma prosperidade será a que o corromperá; e quando sobrevierem as adversidades, o derrubarão e até acabarão com ele”.¹

Nós cristãos necessitamos que alguém nos explique que é necessário sofrer no ministério, que o fato de ser servo de Deus não nos exime de sofrer pela cruz. Nós que assistimos a esse congresso necessitamos estar em contato com obreiros que sofrem no campo missionário, ou que sofrem porque o campo lhes sufoca cada dia mais, ou lhes fecha as portas para seu trabalho. Nós que estamos aqui, necessitamos abrir nossos ouvidos a um evangelho renovado, não o corrompido pela busca da prosperidade pessoal a custo da fé em Jesus Cristo, mas aquele que está disposto a dar e dar-se até as últimas conseqüências para chegar até o último povo da terra.

Veja que falei de cristãos e não só de missionários porque este é um termo mais inclusivo; como temos ensinado na Iberoamérica, falamos dos cristãos incondicionalmente, qualquer que seja seu chamado: para pastor, missionário ou para ser um cidadão responsável. Todos estamos expostos ao sofrimento quando começamos a ser “luz” e a confrontar, com o nosso testemunho, um mundo em trevas.

A Bíblia está cheia de exemplos, e também de asseverações sobre o sofrimento como parte do processo de discipulado, que raramente visitamos por estarmos ocupados, como estamos, em buscar os estandartes do êxito estabelecidos pelo mundo e aceitos pela igreja. No terceiro canto do Servo de Yahweh², em Isaías, que encontramos no capítulo 50:4-9, o servo é apresentado como um discípulo em preparação para receber a comissão que o Senhor tem para Ele. É preparado em seu falar e em seu ouvir (50:4), mas, como um verdadeiro discípulo, aprende que sua preparação para a tarefa inclui, também, o sofrimento como uma parte integral dessa experiência (50:6).

Cuando vemos a experiência de Paulo, o missionário por antonomásia (por excelência), constatamos que sua vida foi caracterizada como a de alguém que estava disposto a sofrer. Atos 9 relata a história de sua conversão, a experiência com a visão de Jesus Cristo que muda o seu paradigma de vida, que questiona suas convicções e, principalmente, que lhe dá uma nova ocupação que inclui o sofrimento.

Seu caminho a Damasco

Paulo rumava a uma missão de causar sofrimentos aos discípulos do Senhor, como vemos em Atos 9:1. Levava cartas dos príncipes e sacerdotes (9:14), guardas e, sem dúvida, muitas cadeias. Em sua curta experiência como perseguidor da igreja, ele se distinguiu em seu labor. Mais adiante, lemos, como num título de jornal, as credenciais de Paulo: “...quantos males tem feito aos teus santos em Jerusalém” (9:13).

No capítulo sete, o vemos observando, de um lugar privilegiado, da improvisada sala de torturas numa rua, o martírio de Estevão. De onde estava, o viu sangrando, esforçadamente de joelhos, com as mãos trêmulas, elevando a Deus a seguinte oração: “Senhor, não lhes imputes este pecado. Com estas palavras, adormeceu.” (58-60) É bem provável que essa imagem tenha tirado o sono de Paulo e que ele tenha pensado em como os cristãos podem perdoar seus verdugos em momentos como este.

No capítulo 8:1-3, é descrita a grande perseguição a que sofreu a igreja por parte de Paulo: “E Saulo consentia na sua morte... Saulo, porém, assolava a igreja, entrando pelas casas e, arrastando homens e mulheres, encerrava-os no cárcere.” Certamente, a segunda imagem que não podia ser apagada de sua mente era a dos cristãos que louvavam a Deus e oravam enquanto fugiam. Ele devia se

¹ SCTJM, “Cartas de Santo Agostinho” www.corazones.org/santos/augustin.htm 2001

²Seguindo a divisão proposta por Kaiser em: Kaiser, Jr. W. C., *Mission in the Old Testament: Israel as a light to the nations*. Grand Rapids: Baker Books, 2000:57

perguntar: “como podem agir assim?” Imaginamos que enquanto apressava o passo para chegar a Damasco, não encontrava explicação para o fato de ser tão difícil acabar com aqueles hereges. Parecia que quanto mais os perseguia e assolava, mais eles se multiplicavam. É exatamente nessa situação que Jesus encontra Saulo. Um encontro inesperado. “Por que me persegues?” É a pergunta que lhe é feita e Saulo se dá conta de que, na realidade, quem ele tem perseguido, assolado e encarcerado é o próprio Deus encarnado em Jesus Cristo.

O que será que aconteceu naqueles três dias na casa de um tal Judas, situada na Rua Direita? Não sabemos com exatidão, mas, sem dúvida, foi um tempo de dor; a dor mais intensa que Paulo já experimentara na vida. Sentiu arrependimento; talvez pensasse: “como fui capaz de fazer algo assim? Como pude chegar tão longe em meu interesse de defender a Deus quando, na realidade, o estava perseguindo?” Certamente, ele também sentiu o medo de imaginar sua vida sem o que estava fazendo agora; a angústia de pensar que tudo o que tinha algum valor para ele havia sido destruído e também o medo de que, talvez, tinha ido longe demais. Ele experimentou esse sentimento angustiante de ter errado o caminho, como quem toma outra saída e logo descobre que chegou ao lugar errado.

Deus leva Saulo a uma situação extrema: aquele soberbo, poderoso e influente jovem judeu termina cego, sozinho, triste, arrependido, angustiado e temeroso. A única coisa que podia fazer era orar. Durante esses três dias, esteve clamando diante de Deus, pedindo socorro e ajuda nessa situação desesperadora. Deus descreve a Saulo de Tarso, nesse processo, com uma frase simples, mas contundente: “pois ele está orando”. (At 9:11)

Sem dúvida, muitos dos missionários que estão agora entre nós tem vivido essa experiência de Paulo. Para os que não podem voltar ao campo por razões políticas, já que foram expulsos de lá ou saíram antes da chegada de seus perseguidores, esta é sua descrição: “eles estão orando”. As lições que eles têm vivenciado em meio à dor edificarão as nossas vidas durante este encontro. Que eles falem com liberdade de suas dores, suas necessidades, suas preocupações. Choremos e oremos juntos para que possamos compreender esse difícil tema das Escrituras e ser cada dia melhores companheiros de luta para vocês.

É ali, em meio àquela situação desesperadora e à necessidade de resposta que Deus manda Ananias para consolar Paulo com a seguinte revelação: “*este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel*”, mas logo é revelada a metodologia da preparação “*pois eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome.*” (At 9:15,16)

A resposta de Deus não se faz esperar. Paulo recebe sua descrição e logo começa a entender o que significa a tarefa para a qual foi chamado e entende que sua preparação se baseia em dois termos: quanto e necessário – ambos relacionados com o sofrimento como parte da preparação para a obra missionária.

Suas lições de sofrimento

Deus mostra a Saulo que sabe o quanto ele deve sofrer. Deus tem a medida do nosso sofrimento, como lemos em I Co 10:13, que nos descreve que há uma graduação para cada crente. Quando Ele permite o sofrimento, sabe o quanto podemos resistir. É como a famosa “Linha Plimsoll”³ que atualmente é pintada nos cascos dos barcos, com o objetivo de informar até onde é seguro carregar o barco para a travessia que se pretende empreender. Deus, então, tem pintada essa linha em cada um de nós, dependendo da tarefa para a qual nos destinou. A sobrevivência, em meio ao sofrimento,

³ Linha de flutuação para demonstrar o nível que a água deve alcançar quando o barco é carregado corretamente. Worldnet 1.7.1, Princeton:2001

não depende de nós, mas daquele que *pintou a linha* e que nos recorda que missões sempre estão ao pé da cruz.

Deus permite o sofrimento na medida em que necessitamos dele. A partir desse momento, Saulo, que chegaria a ser apóstolo, começa uma série de reflexões que o levam a concluir sobre o valor do sofrimento para a vida cristã e, em particular, para a recomendação de seu próprio ministério e trabalho na obra. II Coríntios 6:4-10 nos diz:

“Pelo contrário, em tudo recomendando-nos a nós mesmos como ministros de Deus: na muita paciência, nas aflições, nas privações, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns, na pureza, no saber, na longanimidade, na bondade, no Espírito Santo, no amor não fingido, na palavra da verdade, no poder de Deus, pelas armas da justiça, quer ofensivas, quer defensivas; por honra e por desonra, por infâmia e por boa fama, como enganadores e sendo verdadeiros; como desconhecidos e, entretanto, bem conhecidos; como se estivéssemos morrendo e, contudo, eis que vivemos; como castigados, porém não mortos; entristecidos, mas sempre alegres; pobres, mas enriquecendo a muitos; nada tendo, mas possuindo tudo.”

E, finalmente, Paulo veria o sofrimento pela perspectiva dos resultados, provenientes do próprio sofrimento, como ele mesmo deixaria escrito em II Co 4:8-9: *“Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos”*.

Se fizermos, mentalmente, um paralelo, a primeira coluna mostra a situação que nos pressiona de fora; a segunda e a terceira, mostram a reação que Deus espera dos cristãos. Todos os que estão sofrendo encontram no Senhor as forças para se sobreporem à situação, não de maneira passageira, pois como se diz mais adiante, cada um leva nos ombros a morte de Cristo *“para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo”* (II Co 4:10). Assim, a resposta à pergunta ‘Quanto é necessário sofrer?’ é encontrada nessa mesma passagem: até que *“a vida de Cristo se manifeste em nosso corpo”*.

Isso é o que esperamos ver em meio a este III Congresso Missionário Ibero-americano. Queremos ver como a vida de Cristo se manifesta naqueles que estão no campo; queremos ouvir essas experiências. Necessitamos aprender de vocês, nos preparar melhor, saber como orar, mas, em particular, aprender a estar dispostos a sofrer pela causa de Cristo, na medida em que necessitarmos. Deixem-nos ver a vida de Cristo se manifestar em suas vidas! Deixem-nos aprender de sua experiência para fazer deste um movimento mais forte e mais próximo da mensagem de Cristo!

Deus permite o sofrimento no momento em que necessitamos dele. O sofrimento chega, muitas vezes, quando Deus necessita que examinemos o que estamos fazendo e não quando nós achamos que teremos tempo para fazer esse exame. Duas passagens nos mostram isso na experiência de Paulo. Em Corinto, ele recebe uma palavra dizendo que *“ninguém ousará fazer-te mal”* (At 18:10). Mas, em Éfeso, o Espírito antecipa que Ihe virá sofrimento e Paulo está disposto a seguir este caminho (At 21:11).

A resposta de Paulo à profecia de Ágabo é a de que ele estava disposto a trilhar o caminho do sofrimento por causa do nome de Jesus: *“Então, ele respondeu: Que fazeis chorando e quebrantando-me o coração? Pois estou pronto não só para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus.”* Esta resposta não tem nada de romantismo missionário, mas é uma decisão quanto ao ministério. Paulo está pronto e disposto a ir até as últimas conseqüências por causa do Evangelho de Jesus Cristo. Sua conclusão neste momento de seu ministério é: o que Deus quiser fazer comigo em meu ministério, isto é o melhor.

Enquanto preparava esta plenária, ouvi um missionário que acabara de sair do Sudão depois de ali atuar por muito tempo. Ele falava de seu ministério e de suas lutas. Dizia que uma das coisas mais difíceis de perdoar foi sua própria agência missionária, pelo fato de terem tomado decisões, sobre temas de segurança, em seu lugar. Ele relatava que quando começou a guerra civil, lhe foram dadas instruções precisas, por parte de seus superiores, de que deveria deixar o campo de trabalho em 24 horas, em um comboio do exército estava evacuando os trabalhadores estrangeiros, e ele teve que obedecer. Explicava, dolorosamente, o sofrimento que ele e sua família sentiram naquele momento em que criam estar contradizendo tudo o que haviam pregado sobre confiança em Deus, ao saírem correndo no momento de dificuldade. O profundo sentimento de frustração e impotência por deixar sozinhos aqueles aos quais haviam dito tantas vezes que amavam e que estavam dispostos a fazer qualquer coisa por eles.

Sei que há muitos aqui que estão sofrendo essa dor agora. Que chegam a este congresso com a grande pergunta: voltaremos ao nosso campo de trabalho? Veremos de novo a nossos amigos, irmãos e aqueles aos quais levamos a Cristo e prometemos ajudar? Hoje, o panorama é sombrio e triste, mas Deus nos quer recordar que Ele permite o sofrimento no momento em que necessitamos. Por isso estamos aqui: para aprendermos juntos o tema do sofrimento no campo de trabalho e buscar juntos forças para prosseguir.

Deus mostra porque o sofrimento é necessário e também os resultados de se passar por esta escola no ministério. Paulo dá uma longa lista de razões pelas quais o sofrimento é necessário, mas por causa do tempo, escolhi quatro delas. A primeira, para conhecer a Cristo à sombra da cruz em meio aos sofrimentos (Fl 3:10). Se é a Cristo a quem damos a conhecer, devemos conhecê-lo primeiro e parece, pelo que diz esse texto, que o sofrimento é um dos meios mais efetivos de conhecê-lo. É no sofrimento que vemos uma faceta de seu rosto que não podíamos ver de outra maneira; onde sentimos sua presença salvadora em momentos de angústia e onde, ao colocar em prova o nosso chamado, confirmamos plenamente o que nos enviou a fazer e nos comprometemos, mesmo em meio ao sofrimento, a permanecer fiéis até o fim, mesmo que para isso percamos nossa vida.

Segundo, para evitar a soberba e a arrogância de pensarmos que somos mais importantes que a obra de Deus em nós (II Co 12:7-10) *“Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte.”* Deus abençoou a Iberoamérica durante as duas últimas décadas, literalmente, milhares de missionários saíram para o campo e muitos ali permaneceram cumprindo tarefas incríveis. Pudemos tornar conhecido este despertar missionário a quase todas as esferas missionárias internacionais. Dias após dia vemos as grandes expectativas em relação à ‘força missionária ibero-americana’ e o entusiasmo que ocorre quando relatamos o que Deus está fazendo por meio de nós.

É muito fácil nos ensoberbecermos. Começar a falar e a apresentar, às vezes, imagens do que está acontecendo no campo que não necessariamente representam a realidade atual. Ali é quando o sofrimento nos faz recordar que no final das contas o mais importante que se passa conosco não é o nosso glorioso ministério, mas a obra que o Senhor quer fazer em nós. Que o Santo Espírito é quem toca os corações, que Ele mesmo edificará sua igreja e que as portas do inferno serão confrontadas por seu santo poder e absoluto governo sobre tudo e sobre todos. É necessário sofrer para que estas coisas fiquem claras.

Em terceiro lugar, é necessário sofrer para conferir força e poder ao nosso testemunho. Em Filipenses 1:12-14, o apóstolo Paulo fala com entusiasmo de suas prisões e de seus sofrimentos. Diz que redundaram em bem e em progresso do evangelho. Os cristãos de Filipos se preocupam com ele e oferecem-lhe suprimento para diminuir seu sofrimento; os de Éfeso pregam a Cristo com mais

ardor. Os que o rodeiam vêm como Cristo é glorificado em seu corpo e até seus inimigos pregam a Cristo por pretexto. O evangelho, então, está seguro porque o missionário está preso. Que paradoxos tremendos! Ser reduzido à prisão para que o Evangelho cresça. Ser tomado pela força para que a força do evangelho seja posta em evidência. Deixar-se levar à morte para que a vida de Cristo seja manifestada na vida do servo. Não sei se podemos entender esses paradoxos com os anos que temos de experiência missionária, mas, sem dúvida, há hoje entre nós alguns que viveram e outros que têm vivido essas experiências. Vocês poderão nos ensinar com sua própria vida, uma fotografia do apóstolo Paulo cultivada a golpes de sofrimento.

Finalmente, para dar ao cristão a oportunidade de ter comunhão nos sofrimentos de Cristo. Em Ap 2:10, o Espírito, escrevendo à igreja de Esmirna, “*Não temas as coisas que tens de sofrer...*” antecipa aos irmãos a realidade do sofrimento. Deus os tem como parte de seu plano. É um sofrimento temporal que em nada afeta os galardões eternos e, particularmente, porque a prova é necessária para demonstrar quem dela sairá vitorioso.

Ficou para a história o testemunho escrito por uma testemunha ocular dos sofrimentos a que foi submetido Policarpo, bispo de Esmirna, discípulo de João, o apóstolo. Isto ocorreu uns quarenta anos depois da igreja liderada por ele receber a carta com o Apocalipse das mãos de João:

“Quando os soldados chegaram a seu esconderijo, Policarpo deu ordens para que fossem tratados com hospitalidade e lhes pediu uma hora de liberdade para orar. Então, após orar por quase duas horas, colocou-se a disposição dos soldados, que o montaram em um burrinho, tomando em seguida o caminho de Esmirna. A caminho da cidade, encontraram-se com o chefe de polícia, que casualmente se chamava Herodes e este, passando Policarpo para seu carro, tentou convencê-lo, perguntando: - Que mal há em dizer que César é o senhor (Kirios Kaisar) e oferecer-lhe sacrifícios? Assim você poderá se salvar! Policarpo se negou, pois só conhecia um único Senhor (Kirios Cristos). Enfurecidos diante da obstinação do ancião, desceram-no do carro e o fizeram percorrer a pé o resto do caminho até o estádio. Lá estando, disse o procônsul: - Tem compaixão de tua idade quase centenária, jura pela fortuna de César, arrepende-te e diz “Fora os ateus”. O procônsul chamava ateus aos cristãos porque não adoravam os deuses do Parthenon. Policarpo, olhando para a multidão de espectadores disse: - Sim! Fora os ateus! O procônsul tornou a repreender severamente a Policarpo: - Jura e te solto! Maldiga a Cristo! Policarpo lhe responde: - Oitenta e seis anos faz que o sirvo e não me fez nenhum mal, como posso blasfemar contra meu rei que me salvou? Para cumprir a lei, o procônsul insistiu pela terceira vez: - Jura pela fortuna de César! Ao que Policarpo respondeu: - Sou cristão! - Tenho feras e te jogarei a elas se não te arrependeres. Tragam-nas! - Porque é impossível para nós nos arrependermos do bom para o mal, mas o bom é arrepender-se da crueldade para a justiça. - Com fogo te consumirei se não te arrependeres, já que desprezas as feras. - Ameaças-me com fogo que arde por uma hora e logo se apaga. Não conheces o fogo do juízo que há de vir, nem o castigo eterno que está reservado para os ímpios. Mas, por que demoras? Faça o que queres! Então, amarrado no meio da fogueira, quando estavam a ponto de acender o fogo, Policarpo elevou os olhos ao céu e orou em voz alta: - Senhor Deus soberano, dou-te graças porque me fez digno deste momento para que, junto aos mártires, eu possa ter parte no cálice de Cristo. Por isso te bendigo e te glorificarei. Amém.”⁴

Tive a oportunidade de visitar, com alguns de vocês, as ruínas de Esmirna e recordar esta cena que me comoveu, imaginando este glorioso momento para o nome de Cristo, para a igreja e para Policarpo, um ministro sofredor que terminou sua vida e seu ministério na fogueira, bendizendo a Cristo pelo privilégio de ter comunhão com Ele através dos sofrimentos.

Deus lhe mostra que é necessário sofrer. Encanta-me a figura que Paulo apresenta do sofrimento como uma manifestação da glória de Deus em II Co 4:7-18. Ele faz uma analogia com um vaso de

⁴Quasten, Johannes, Plumpe Joseph C. Ed. The Epistles and the Martyrdom of St. Policarp (London: Longmas, Green & Co. 1957)

barro. Apresenta o sofrimento como um processo gradual e contínuo na vida do crente, de maneira que cada golpe que o Senhor permite que nos alcance quebra, de acordo com o plano de Deus, uma parte desse vaso que representa a fragilidade de nossa vida, mas é um sofrimento planejado, um pedaço do vaso se rompe e deixa aberto um furo. Então, por este furo aberto em nossa vida e em nosso caráter, quando o peso do sofrimento cai sobre nós, a luz do tesouro ali guardado começa a sair. Entre mais golpes, mais furos, mas entre mais golpes, mais luz! O apóstolo se assegura de nos recordar que a medida em que se destrói o homem exterior, o interior se renova dia a dia (II Co 4:7-12).

Essa ilustração nos recorda que a proximidade da morte nos leva a avaliar nossa vida e ministério e, sobretudo, a experimentar a ação de graças a Deus quando vemos nosso ministério em perspectiva com a morte, nossos sucessos e a soberba que acumulamos em nós comparados com a humildade do servo sofredor.

Paulo se assegura de que entendamos que o sofrimento só afeta o homem exterior, é este corpo mortal que vai se desgastando e que necessita ser golpeado, como diz o apóstolo no capítulo seguinte: o homem interior se aperfeiçoa em meio à tribulação, por conseguinte, se o homem exterior é mortal, o sofrimento se torna uma “leve tribulação momentânea” cujo resultado é que de meu corpo destroçado exteriormente surja a luz da glória de Jesus Cristo.

Às vezes, nos esquecemos que o ministério de ser luz para as nações traz, incluído da fábrica, o sofrimento. Não queríamos ser negligentes neste III Congresso Missionário Ibero-americano e deixar de dizer o que o Espírito está dizendo para a igreja desde seu início: “não temas o que vais sofrer”.

Estando nesta conferência missionária e havendo, muitos de nós, mostrado de uma maneira visível nosso compromisso com missões mundiais, devemos nos perguntar nesta noite se também estamos dispostos a sofrer pelo chamado; se estamos preparados para caminhar ao chamado de Deus até as últimas conseqüências, tanto como até os últimos lugares da terra. Pensemos se estamos dispostos a fazer nosso o versículo de Fl 1:29: “*Porque vos foi concedida a graça de padecerdes por Cristo e não somente de crerdes nele*”. A pergunta é: até onde a igreja ibero-americana entende a necessidade do sofrimento?

Missões em uma situação de perseguição

Hermano Yousef

Jesus falou a seus discípulos e lhes antecipou que aqueles que decidissem segui-lo encontrariam perseguição e todo tipo de sofrimento (Jo 15:18-27). Na igreja primitiva, os crentes foram submetidos a uma perseguição extrema e, como resultado, espalharam-se por toda a região. Essa perseguição serviu como o catalisador principal na extensão do evangelho para o mundo (At 8). As palavras de Jesus são intensamente relevantes para a igreja de hoje, porque nós, como crentes, não pertencemos ao mundo, mas somos chamados a nos separarmos dele. No Oriente Médio, há muitas áreas onde essa realidade significa perseguição intensa. E justamente nessa região a igreja está experimentando um crescimento mais rápido e, em alguns casos, está nascendo pela primeira vez.

1. Contexto da minoria cristã no Oriente Médio

A igreja oculta:

- a. M.K.S
- b. A.@.S

2. Os desafios que os cristãos enfrentam no Oriente Médio

- a. A mentalidade do ‘saltamontes’
- b. Portas fechadas
- c. Intimidação
- d. Acusações sistemáticas contra a reputação do crente
- e. Ameaças
- f. Abuso físico
- g. Divisão entre cristãos
- h. Casamento e filhos
- i. Alienação da família

3. Como enfrentar os desafios

- a. Lições da vida de Jonas
- b. Enfrentar nossos temores
- c. O caminho da sabedoria

Os benefícios e bênçãos de enfrentar dificuldades por causa da nossa fé.

Resposta bíblica para a pobreza global

Pastor C. Sekar

Pobreza e sua permanência no mundo

S. J. Manikam, em seu livro *Poverty in Índia* (Pobreza na Índia), sugere que há três formas de compreensão da pobreza. Primeiramente, seu destino. Conforme este modo de pensar, a pobreza é considerada pré-determinada e suas conseqüências estão fora do controle humano. Conseqüentemente, a pobreza sempre vai estar entre nós¹. Em segundo lugar, diz-se que a pobreza é o resultado de um pensamento do passado. Terceiro, que a modernização, com sua má distribuição das riquezas, faz com que a pobreza seja ainda mais notória. Como resultado, quase a terça parte do mundo é privado dos recursos básicos para poder sobreviver – como água potável, serviço de saúde, educação e emprego.

Contribuição missiológica para a pobreza

1. Exemplo da igreja primitiva

No Velho Testamento, os israelitas estavam instruídos por Deus para que cuidassem dos que passavam por necessidade, e não fazê-lo era pecado (Êxodo 22.25, Levíticos 25.35-43). Na igreja de Jerusalém, os crentes sustentavam generosamente os que passavam por necessidade dentro da congregação. Lucas escreve que os discípulos estavam unidos na missão da igreja, e se preocupavam com as necessidades e bem estar dos demais (Atos 4:32).

Outro exemplo da igreja primitiva é o de Pedro e João, que praticavam as disciplinas de oração e fé no contexto do templo. Em Atos 3.1-11, eles encontraram um coxo sentado na entrada do templo. Era algo comum vê-lo ali, mas isto os motivou a um novo desafio. Muitos dos judeus cumpriam religiosamente os mandamentos em obediência a Deus, convenientemente, deixavam algumas moedas para o coxo, mas esqueciam a situação de pobreza em que ele se encontrava nas portas do templo. Para Pedro e João, era um caso de fé. Eles curaram o coxo em nome de Jesus, e também o libertaram de sua pobreza espiritual. O homem coxo estava forçado a viver na dependência econômica e com uma depravação espiritual. Mas o fato de estar curado produziu nele a confiança em Deus. Então, aquele que estava fora das portas do templo entrou e louvou a Deus dando testemunho de sua transformação.

Outro exemplo é o de Atos 6.1-7, em que Lucas nos conta uma situação de crise: o ministério social da igreja com as viúvas. Os próprios apóstolos ajudavam a igreja para que esta atendesse as necessidades sócio-espirituais dos que estavam descuidados, e conseqüentemente, eram também necessitados economicamente. Este incidente estabeleceu a importância de um ministério sócio-espiritual no contexto da igreja e da sua missão.

2. Lição no contexto missiológico

A “igreja” a qual Pedro e João foram era um templo estabelecido (nós também criamos boas igrejas e missões das quais nos sentimos orgulhosos de pertencer). “A maravilhosa porta do templo era assim chamada por suas magníficas portas de 50 pés de altura por 40 pés de largura, e estavam cobertas de ouro, sendo a via favorita de entrada no templo” (Power Bible). Muitas vezes nossa

¹ S.J. Manikam.J. (Ed) Poverty in India, A Xaviour Board publication. Oct. 1988.p.109

espiritualidade é como a beleza do portão que representa a aparência externa para a recompensa pessoal. A espiritualidade nominal substitui o verdadeiro espírito da igreja primitiva e de seus apóstolos, e falha em testemunhar efetivamente ou transformar as pessoas necessitadas.

3. Falta de atitude

Durante o tempo de Moisés, Deus estabelecia que seu povo tinha que trabalhar para erradicar a pobreza entre eles. Tristemente, encontramos em Atos 3 a pobreza que se estabeleceu mesmo na entrada do templo. Quando a fé chega a ser um rito, perde sua capacidade de obedecer a Deus e a seus mandamentos.

A verdadeira fé em Deus está sempre preocupada com os pobres e necessitados, e busca um modo de trazer, não somente a transformação individual, mas também coletiva por meio da reabilitação.

4. Ministério baseado nas necessidades

O encontro de Pedro e João com o coxo enfatiza a resposta deles a um homem pobre e necessitado. Eles se deram conta de que este mendigo poderia receber esmolas suficientes para um dia, mas não a ajuda para toda a sua vida. Os apóstolos exerciam sua fé em Deus trazendo uma completa transformação física e espiritual; e o demonstraram com o poder de Deus.

Desafios missiológicos no contexto da pobreza

1. A dificuldade do equilíbrio

Há alguns anos, quando um tsunami atingiu o sul da Ásia, muitas pessoas ao redor do mundo começaram a contribuir sem reservas. As igrejas em toda a Índia também recolheram dinheiro para os necessitados, e as igrejas que antes não tinham uma postura de ação social começaram a mudar de atitude.

Devemos considerar um ponto muito importante. Tom Sine disse: “Não basta que a igreja local apóie uma missão evangelística aqui e uma missão de ajuda social ali. Para ser bíblicamente correta, sempre que possível, os ministérios especializados devem estar relacionados diretamente com serviços que atendam todas as áreas básicas do desenvolvimento intelectual, físico, emocional espiritual e social”.²

2. A pobreza sublime

Atos 4.34-35 nos conta que a igreja chegou a ser um agente responsável em prover as necessidades sociais, unir esforços, ofertar com sacrifício; e o resultado foi uma vida em comum. Cristo se converteu na força “centrífuga” da atividade da igreja, e foi o amor que os impulsionou a se preocuparem uns com os outros e a compartilharem.

3. Preocupação com os pobres

A citação bíblica mais usada que vamos considerar é Mateus 25.31-46. Aqui encontramos que a evidência de nossa fé está demonstrada pelas nossas ações. Tratar a todas as pessoas como se fossem Jesus não é uma tarefa simples. O que fazemos pelos outros demonstra o que realmente pensamos das palavras de Jesus: dar de comer aos que tem fome, acolher os que não tem onde viver, cuidar dos enfermos. Assim vemos Jesus como um modelo de trabalhador social que nunca deixou de fazer boas obras para as pessoas necessitadas. Sempre lhes ministrou. O objetivo da transformação social é a mudança do caráter e das condições de nossas próprias comunidades, o que resulta numa mudança na sua natureza e função.

4. Pretextos usados para não se preocupar com os pobres e os necessitados

² Tom Sine. “The church in need to Human Need” USA. Mission Advance, 1983, p.13.

a. Não merecem ajuda.

Eles mesmos entraram na pobreza e eles têm que se esforçar para poder sair. Esta é a postura daqueles que não desejam ajudar os pobres. Mas quando Jesus ministrava, sempre encontrou oportunidades de servir aos pobres.

b. O chamado de ajudar aos pobres não é um assunto do reino de Deus.

Muitos ministros (do ponto de vista de um pastor da Índia trabalhando num contexto urbano) pensam em alcançar os da classe média alta e a classe média propriamente dita. Eles estão mais focados no ministério que prove a segurança financeira. Esta é uma atitude de manipulação. Outros têm os pobres como seus “projetos” e estabelecem programas de alimentação, escolas, clínicas de saúde, etc. Mas o fazem para aumentar a ajuda econômica dos doadores e a aprovação do governo. Desgraçadamente, em lugar de ajudar os pobres, são os promotores destes programas que recebem o benefício.

c. Não temos um chamado para este grupo social

Os pastores urbanos, em algumas igrejas, enfocam o alcance da classe média alta ou a elite da sociedade. Eles dizem que por converterem os ricos, ou por receberem suas ofertas, vão poder ajudar a igreja a chegar a um ponto de auto-suficiência. Então os pobres poderão ser ajudados efetivamente com os recursos que eles conseguem. Lastimavelmente, isso não acontece. Este não é o resultado.

d. Tenho minhas próprias necessidades

Também há igrejas que não pensam na extensão do reino fora de suas próprias famílias. Estão tão focados na sua teologia de “Jerusalém” que se esquecem de “Samaria” e dos confins da terra.

e. Se dou uma ajuda econômica, vão abusar ou gastar mal e os pobres nunca vão receber a ajuda

Muitas igrejas, missões e agências pensam que as ofertas muitas vezes estão sendo mal gastas em projetos que não dão resultados. Acontece muitas vezes a falta de prestação de contas e a manipulação dos números. As agências recebem o benefício, e não os que têm a necessidade.

f. Não sei como começar ou a quem ofertar

Há muitas igrejas e pessoas que estão dispostas a dar generosamente, mas por falta de conhecimento não sabem como fazê-lo.

g. Minha pequena oferta não vai poder ajudar

Alguns sentem que sua contribuição individual não vai fazer diferença, por conseguinte não dão. Mas o exemplo que nos deixou Jesus é o da viúva que deu o pouco que tinha e agradou. No Velho Testamento, Deus mandou o seu povo dar seu dízimo a cada três anos para os pobres (Deuteronômio 14.28,29). Esta lei foi feita para prevenir o povo de cair na pobreza e opressão. Então era uma responsabilidade de todos cuidar dos necessitados.

Hoje em dia, os países ao redor do mundo puseram leis para proteger os direitos dos pobres. Muitas religiões ensinam sobre a ajuda aos pobres. Quanto mais Deus espera dos cristãos?

Modelos para reflexão

Alcance cristão para a missão e o evangelismo³

É uma missão que pertence a IMA que trabalha nos bairros humildes no sul da Índia. Eles, com sucesso, têm visto uma transformação espiritual e mudanças também na sociedade. Seu foco não é

³ Christian Outreach for Mission and Evangelism.

prioritariamente socioeconômico senão também sócio-espiritual. Esta missão está impactando a sociedade.

A seguir quero apresentar brevemente sua metodologia, que poderá ser aplicada inclusive no contexto ibero-americano.

Relações amistosas

Os missionários desta missão, assim como as famílias e os solteiros, estão estrategicamente situados nas cidades. Escolhem como objetivos alguns bairros humildes e os visitam regularmente por um período de até seis meses, conhecendo as pessoas e chegando a ser também conhecidos. Quando obtêm a confiança das pessoas do lugar, começam a ter uma interação social por meio de um café da manhã ou uma refeição informal. Então, estabelecem uma relação de amizade, mostrando seu interesse nas famílias, seus trabalhos, etc.

Dividem as pessoas em grupos:

- a. Crianças: grupo Samuel (motivação: serem como Samuel)
- b. Jovens: grupo Ester
- c. Senhoras jovens: grupo Débora
- d. Varões, jovens casados: grupo Daniel
- e. Varões casados: grupo Paulo

Em cada grupo ensinam os valores morais com dramas, com ensinamentos positivos e dão exemplos da vida diária.

Jogos

Também é uma forma eficaz de alcançar os jovens. Organizam partidas de futebol ou críquete nos bairros. Este processo leva tempo, mas os resultados são confiança e amizade. Há casos onde se pode ter uma simples oração ou um testemunho.

Quando se ministra nos bairros humildes, as pessoas que vivem nessas condições têm conhecimento limitado de seu ambiente e de sua vida diária. Assim, comunicar o evangelho de uma maneira muito intelectual não é eficaz. Mas se extraímos princípios bíblicos da vida cotidiana será mais eficaz e também ajudará a entender melhor. Este método é parecido com o modo de agir de Jesus. Ele ensinou a verdade a partir da vida cotidiana.

Drama, dança, e contar histórias

Estes também são métodos muito eficazes.

A missão não dá ajuda econômica à comunidade que foi escolhida, nem tampouco ao indivíduo, para evitar que gastem mal em vícios. Ao contrário, os missionários os ajudam a fazerem orçamentos e os ensinam a fazer investimentos e poupanças.

Outro desafio que enfrentam os missionários são as práticas supersticiosas, o incesto, e os relacionamentos fora do casamento. Tudo isto impede o entendimento espiritual e contribui para a instabilidade econômica. Como resposta, os missionários oram, dão aconselhamento e mantêm relações inter-pessoais. Todos estes são elementos que trazem a transformação.

Pontos chaves dessa metodologia

- a. Amizade
- b. Visitá-los regularmente
- c. Jogos, dramas, piquenique, etc.
- d. Expressão de genuína preocupação um com outro.

- e. Não assumem um compromisso de apoio econômico.
- f. Não se envolvem na política⁴.

Conexões e limites do apoio socioeconômico e espiritual

Cada missão ou igreja tem que desenvolver seu próprio padrão ou metodologia no contexto do grupo que quer alcançar, considerando os limites do apoio socioeconômico. D'Epinau escreve: “A reflexão contemporânea sobre apoio e desenvolvimento, não somente leva as pessoas a um ponto de valorizarem-se a si mesmas. O desenvolvimento do que é o valor próprio é o fundamento de todo crescimento humano. Por isso, o evangelho é vital em qualquer ordem de mudança”.⁵ O evangelho traz uma transformação do indivíduo que transcende as barreiras socioeconômicas, trazendo um impacto sócio-espiritual e uma maior valorização do ser.

Então, os ministérios que estão trabalhando de uma maneira integral precisam pensar de novo. Muitas missões cristãs consideram ser um ministério integral se estabelecem orfanatos, hospedarias, instituições educativas, centros de reabilitação, centros de saúde, etc. Acrescentam também uma pregação tradicional – como a melhor maneira de estabelecer e dar crescimento à igreja. O Dr. Ezra Sargunam, bispo fundador das igrejas evangélicas da Índia (ECI), disse: “Devemos reconhecer e ver o homem e sua necessidade como um todo. Quando enfatizamos sua necessidade física, ele chegará a ser um humanitário; quando vemos só sua necessidade mental, será um educador; se vemos sua opressão política, chegará a ser um político ou revolucionário, e se vemos somente a necessidade espiritual, será um religioso. É vendo o homem completo, dando maior ênfase na sua necessidade espiritual, que se chega a ser um testemunho cristão, um missionário, um evangelista, ou um comunicador da Palavra de Deus”.⁶

Preocupação pela área sócio-espiritual

A história da igreja tem numerosos exemplos de pobres que eram receptores do evangelho, na Índia e ao redor do mundo. “Missionários como Robert De Nobili trabalharam com as castas mais altas e tinham muito pouco êxito. Mas homens como Francis Xavier e outros trabalharam entre os pobres e tiveram muito êxito”.⁷ Ainda louvamos a Deus pela resposta dos pobres em “aceitar” ao cristianismo, não temos visto uma transformação extraordinária num sentido integral. Muitos chegam a ser cristãos porque receberam uma ajuda misericordiosa dos missionários. Foi a ajuda material que os atraiu, e não obstante agora, continuam na pobreza social.

Então, quando pensamos novamente sobre esta preocupação sócio-espiritual, temos que misturar com uma capacitação teológica para que nossos missionários entendam teologia e doutrina. Muitos dos jovens e senhoritas têm uma falta de conhecimento teológico do mundo e têm produzido uma cultura “monoteológica” que se baseia no padrão tradicional de pregar e ensinar, mas que não se preocupa com as necessidades ambientais, socioculturais e socioeconômicas das pessoas às quais ministram.

No meu contexto, na Índia, tenho visto centenas de igrejas urbanas, rurais e tribais, em todo o país, onde os pastores, evangelistas e os crentes vivem também em condições econômicas que são estáticas. Eles ensinam os crentes a orar e a confiar em Deus nas suas necessidades quando enfrentam situações difíceis. Não têm ensinado a superar a depravação econômica. Não estou sugerindo aqui que depender de Deus e ter fé é ruim, mas devemos advogar pela dignidade dos pobres. Devemos ser conscientes desta necessidade.

Como surge esta dignidade?

⁴ Interview Mr. Peter with Christian Outreach for Mission and Evangelism (Bangalore, 9TH October-06).

⁵ D'Epinau 'In Heaven of the Mosses' AD-2000 and Beyond. 1991.p.64

⁶ Mission Mandate 'Holistic Evangelism' p.247.

⁷ Sargunam Ezra M. "church growth among the poor and the suppressed" Mission Mandate. 1992

Quero lhes apresentar uns exemplos que têm sido efetivos para trazer mudanças sócio-espirituais através de transformações na área socioeconômica.

*A fundação para a educação transcultural*⁸

No sul da África iniciou-se um esforço para alcançar e reabilitar os pobres na Zâmbia. Sua missão, primeiramente, era a transformação espiritual, mas às vezes, têm que ajudar na luta socioeconômica. Faz dez anos, a FCCE começou um programa agrário que os capacitou e assessorou na sua prática atual no campo. Começaram com um “banco” de sementes. As pessoas do povo fizeram depósitos de sementes para semear no ano seguinte. Em compensação, eles receberam fertilizantes, pesticidas e outras coisas necessárias para poder plantar e colher efetivamente. Como resultado deste programa, começaram a acontecer mudanças econômicas.

Assim, a área agropecuária também lhes ensinou diferentes maneiras efetivas de como alimentar e cuidar dos animais. Ocorreu a procriação de vacas e touros saudáveis e isto contribuiu para uma economia mais forte. Como resultado, os cristãos zambios tiveram oportunidade de se tornar agentes de transformação socioeconômica enquanto sua comunidade se tornava mais forte espiritualmente. Esta é a chave para um ministério integral.

Modelos no contexto da Índia

Na Índia, se oferecem muitos empregos na área de limpeza nas casas, edifícios e apartamentos. São dadas oportunidades e capacitação tanto aos crentes como não crentes. Os instrutores lhes oferecem carinho e cuidado com a intenção de discipula-los. Nos últimos dez anos, tenho visto um crescimento neste ministério/negócio. Muitos são os que têm se convertido a Cristo. Diversas pessoas que têm ascendido economicamente adquirem um respeito pessoal e dignidade na sociedade.

Pequenas indústrias

Paul Das, da associação Pró-visão Índia, está comprometido em capacitar as pessoas e ajudá-las economicamente para que possam exportar seus produtos artesanais. Ele direta ou indiretamente oferece emprego a umas 100 pessoas, ensinando-lhes habilidades com a intenção de alcançar, ensinar e discipular. A meta da Pró-visão é ajudar aos pobres por meio do trabalho, também de estimular aos missionários e a outros obreiros independentes a terem seu próprio sustento.

Pincéis

Immanuel Walker, um homem de negócios de Madurai, fez um compromisso pessoal de enviar 5.000 missionários durante 10 anos. Para cumprir a visão, animou os crentes a iniciarem a produção de pincéis. A primeira fábrica foi criada na sua própria cidade e foi um sucesso. Este negócio funcionava na casa de um convertido, e deu emprego a crentes e não-crentes. Com a finalidade de ensinar o amor de Cristo, ler a Bíblia e orar juntos todos os dias. Muitos têm sido atraídos ao Senhor e também beneficiados pelo trabalho.

O principal propósito deste negócio é dar emprego aos pobres e, em segundo lugar, enviar o lucro para as missões. Deus tem abençoado seus esforços.

Imprensa

Umesh, um crente Sindhi que tinha uma imprensa, quis usar suas habilidades na arte de imprimir para poder ajudar na transformação de sua cidade. Ele deu emprego a jovens de um bairro humilde e lhes ensinou as destrezas necessárias para poder trabalhar. Mostrou com seu testemunho o amor de Cristo por meio da ajuda socioeconômica; ao mesmo tempo impactando suas vidas sócio-espirituais. Umesh não tem uma organização nem é sequer uma ONG, mas é um indivíduo que quer obedecer a grande comissão.

⁸ The foundation for Cross Cultural Education FCCE

As igrejas necessitam motivar e ajudar os homens de negócios independentes a implementarem a grande comissão, ainda que não estejam trabalhando formalmente como uma organização social. O que necessitamos é um compromisso com o reino.

Sadhana

Sadhana no idioma sânscrito significa “lucro”. É uma ONG na Índia que dá emprego aos que tem deficiências visuais ou físicas. Ministram e cuidam dos inválidos de várias formas. Por exemplo, num macro projeto fez um empréstimo para um cego comprar cabras. Também tem ajudado os a cegos venderem material escolar nas escolas. Outros vendem café, incenso, tela, etc. Todos colaboram na área socioeconômica para poderem impactar também a área sócio-espiritual.

O papel da igreja e sua contribuição na Iberoamérica

Que possam ser servos, colaboradores mútuos

Muitas empresas e esforços independentes estão sendo menos eficazes porque suas contribuições são isoladas. Sem dúvida, trabalhar como colaboradores nas missões mundiais tem melhor aceitação e se tornam mais eficazes.

“Negócio como missão” para envolver os pobres como colaboradores da igreja ou missão local

A ênfase neste ponto é que tanto as microempresas como as grandes empresas podem ajudar às comunidades a viverem com dignidade e transformação. Há uma grande necessidade de que os profissionais possam guiar, investir e implementar.

Uma relação das missões ibero-americanas com Índia Missions Association⁹

Espero que nossa relação no passado, a contribuição nos conselhos, a comunhão e a Koinonia nos ajude, a todos, a estender o reino de Deus. Desejo que permaneça uma unidade e esperamos uma participação contínua com vocês para que juntos trabalhemos pela Ásia.

Conclusão

Há dois tipos de pobreza: uma econômica e outra religiosa. A pobreza econômica é imposta pelos que têm o poder sobre àqueles que são mais frágeis e sofrem sob sua luta socioeconômica. A pobreza espiritual é algo que cada um escolhe.

Dar resposta à pobreza econômica e espiritual é o objetivo que tem a igreja e sua missão para que haja um equilíbrio e traga mudanças radicais nas atitudes tradicionais. Uma resposta efetiva é impactar as necessidades socioeconômicas e ter também em mente a mudança sócio-espiritual. Mas isto só pode se realizar quando todos nossos esforços convirjam para o pé da cruz, de onde sai transformação verdadeira e final.

Que todos nós, que estamos aqui presentes neste congresso, repartamos a sabedoria transformadora de Cristo e o poder que flui da cruz para pôr nossas missões a seus pés neste processo de extensão do reino.

⁹ Associação de Missões na Índia.

Missões em meio ao martírio

Dr. Bob Fu

Tomando notas...

1. Introdução

2. Primeiro ponto

3. Segundo ponto

4. Terceiro ponto

Um novo capítulo dos Atos do Espírito Santo

Carlos Scott

Um tempo de gratidão

Uma igreja que experimenta a obra do Espírito Santo

“A mão do Senhor estava com eles, e muitos creram e se converteram ao Senhor”

At 11.21. Primeiramente, queremos dar glória e graças a Deus pela igreja ibero-americana. Uma igreja que nos faz pensar e refletir. Uma igreja que reflete o que viveu a igreja de Antioquia em Atos 11. Eles experimentaram o poder de Deus e um grande número creu e se converteu ao Senhor. A igreja se estabeleceu porque falava de Jesus Cristo como a mensagem de boas novas de paz. Algumas pessoas de Chipre e de Cirene se atreveram a fazer diferença falando aos de língua grega e não só aos judeus. A igreja se estabeleceu uns doze anos após a de Jerusalém, como consequência de um grupo de homens e mulheres sem dinheiro, sem planos, subiram desde Jerusalém pelo litoral até chegar a Antioquia compartilhando a Jesus Cristo. Uma igreja que vive sob a influência do Espírito Santo é uma igreja que se edifica, se consolida, tem vigor, um testemunho eficaz, e se expande.

Damos graças a Deus que a igreja ibero-americana tem uma ênfase evangelística e surgem igrejas novas. Uma igreja viva que cresce, é alegre, flexível, tem liderança jovem, com entusiasmo, com iniciativa, uma igreja empreendedora, inovadora e criativa. Uma igreja solidária que adora o Senhor. Uma igreja que evidencia, através das obras, a graça de Deus. Uma igreja que oferece aos homens um tempo de oportunidade.

Nos últimos anos, a igreja ibero-americana despertou para a responsabilidade social; esta característica tem sido uma das grandes colaborações da teologia latino-americana: a ênfase na realidade do reino de Deus.

A igreja se estabeleceu como produto da visitação do Espírito Santo e do trabalho missionário. Tanto homens quanto mulheres partilhavam a fé em Jesus Cristo. Tudo é muito espontâneo. Estamos numa Iberoamérica que ama ao Senhor. Deus é o impulsionador para que outros conheçam ao Senhor. O grande herói da missão na Iberoamérica é precisamente o Espírito Santo.

A nacionalização da liderança na primeira metade do século XX e o surgimento das igrejas nacionais, na década de trinta, foram outros fatores decisivos para o desenvolvimento das estruturas eclesiais contextualizadas e eficazes. O Espírito Santo está trabalhando na vida da igreja. Está trabalhando nas suas estruturas, com os propósitos de reformá-la e de renovar a fidelidade a sua missão. Repetimos, o significativo não é a estrutura da igreja, mas, sua missão.

Existem diversas fontes de informação que confirmam que o total da comunidade evangélica na Iberoamérica no ano de 1900 foi de 50.000 crentes. No congresso de Edimburgo de 1910, não havia nenhum latino americano e durante o século passado o crescimento está demonstrado nos seguintes dados: 1916: 378.000; 1925: 756.000; 1936: 7.200.000; 1967: 14.746.200; 1973: 20.000.000; 1987: 37.432.000; 2000: 80.000.000¹.

Uma igreja que começa a separar e a reconhecer os que são eleitos pelo Espírito Santo:

Damos graças a Deus porque muitas das igrejas ibero-americanas têm escutado a voz do Espírito Santo, separando centenas de Barnabés e Saulos para o trabalho para o qual Deus os têm chamado.

¹ Nuñez, E. & Taylor, W. *Crisis in Latin América*. Pasadena, CA: William Carey Library, 1996, p.161

Damos graças a Deus pelas centenas de irmãos obedientes à voz do Espírito Santo que saíram a pregar, como João mencionou no versículo 7 de sua terceira carta: “pois por causa do Nome foi que saíram, nada recebendo...”.

Damos graças a Deus pelas centenas de irmãos que os ajudaram a seguir viagem, colaborando com eles verdadeiramente. Paulo, em Tito 3.13, expressa muito bem: “Providencie tudo o que for necessário para a viagem de Zenas, o jurista, e de Apolo, (missionários com duas ocupações e de carreira), de modo que nada lhes falte (na viagem às nações). Quanto aos nossos, que aprendam também a dedicar-se à prática de boas obras, a fim de que supram as necessidades diárias e não sejam improdutivo²”. Damos graças a Deus pela grande quantidade de famílias que ajudam aos obreiros transculturais.

Esta é a nossa experiência ibero-americana e agora, chegando às nações, mantenhamos esta fé: “a mão do Senhor estava com eles e um grande número creu e se converteu ao Senhor”.

Um tempo de peregrinos e de riscos

Atos 14.8-18: “...Ao ver o que Paulo fizera, a multidão começou a gritar...Os deuses desceram até nós em forma humana! A Barnabé chamavam Zeus e a Paulo Hermes...”

Em Listra, acontece um milagre que deixa atônita a multidão: a um homem aleijado, paralítico desde seu nascimento, o qual jamais pudera andar, Paulo ordena em alta voz: Levante-se! Fique em pé e ereto! O resultado desse milagre foi que trataram aos servos de Deus como deuses: Paulo e Barnabé expressam que eles são somente homens, e que seus interlocutores devem se voltar para Deus e deixar essas coisas. Com esses argumentos, e com dificuldade, conseguiram dissuadir a multidão.

O perigo e o risco que eles correram foi o mesmo que nós temos na Iberoamérica e nos campos transculturais. Ocorre que as pessoas tratam de transferir a admiração e adoração que somente Deus merece àquelas pessoas a quem Deus toma por mensageiros. O problema pode ser maior se estimularmos estes sentimentos. Isto algumas vezes acontece na vida da igreja e se constroem pequenos impérios. São atraídos seguidores de pessoas e instituições, mas não de Jesus Cristo. A igreja ibero-americana está enfrentando vários perigos como:

Poder e concorrência

Muitas vezes, as igrejas vivem a luta miserável pelo poder. O amor ao poder ao invés do poder do amor. Outras vezes a funcionalidade se distancia dos princípios bíblicos. Buscam resultados onde cada um vale pelo que produz fazendo a tarefa no menor tempo possível. Este tipo de teologia da produtividade está afetando e prejudicando a formação de pastores e também de missionários. O projeto é capacitá-los no menor tempo possível. O sucesso ministerial é mostrar os resultados e não uma vida de humildade. O fato de diminuir para que Cristo cresça e sermos invisíveis não entra nesse esquema. Esta cena se completa com a alta competitividade que exige a produção. A concorrência distancia as diferentes igrejas e cria ciúmes nelas. A unidade do corpo de Cristo é afetada por esta estrutura. As conseqüências podem ser vistas: a pressão e a tensão em que vivem as igrejas, os pastores e os missionários, são aquelas que devem sustentar este modelo extraído, sem dúvida, do âmbito secular e mundano.

Não somos chamados a formar estereótipos empresariais baseados em critérios de utilitarismo, de mercantilismo e de números. A grande multiplicação, as cifras e as porcentagens não são sinônimos de transformação. Não devemos sacrificar as demandas do evangelho no altar dos números. Vivemos tempos nos quais parece que algumas igrejas têm clientes e, como nos negócios, o cliente

² As citações bíblicas nesta exposição foram tiradas da NVI (Nova Versão Internacional).

tem sempre razão. São os clientes os que estão permanentemente gratificados, psicologicamente bem, e eles são o centro de tudo. Queremos nos animar para romper com esses esquemas da produtividade e pensar em termos do reino. Devemos nos entusiasmar para pregar a Palavra de Deus e deixar que sua mensagem nos incomode e examine nosso seguimento ou seguir a Jesus Cristo. O conceito do êxito de Jesus foi “Senhor faça tudo o que me disseste que farias”. Os resultados são aleatórios. Jesus curou uns, e a outros não. Alimentou muitos e a outros não sustentou. A negação de si mesmo, conhecer a Jesus Cristo e ser semelhante a Ele em sua morte é poder transformador (Fl 3.10).

Falta de ensino da Palavra de Deus

Também observamos que algumas vezes há falta de ensino de toda a Palavra de Deus. Em alguns casos, a prática do discipulado tem sido pouca e os estudos bíblicos fazem referência a textos isolados, fragmentados. Muitas vezes também, se observa o sincretismo (a conciliação de doutrinas diferentes), a desnutrição espiritual, as heresias, a superstição, a divisão, etc...

Seguindo os comentários de Bertil Ekström, atual diretor da Aliança Evangélica Mundial (WEA), observamos que temos crescido em números estatísticos sim. Mas crescer em tamanho é uma coisa e crescer em maturidade é outra. O mero crescimento numérico se tornou um objetivo em si, e para muitos, o objetivo justifica os meios. Qualquer método que favoreça o aumento de membros na igreja é válido e a busca por estratégias que são mais eficazes, nesse sentido, tem conduzido a metodologias que reduzem o evangelho e põem em risco os princípios bíblicos.

Caudilhismo e forma de governo

A liderança ibero-americana, algumas vezes, segue tendências globais de líderes carismáticos (com forte personalidade e com poder de convencimento), principalmente centrados em fundar sua própria igreja. O caudilhismo de nossa história continua sendo uma realidade. Diversas investigações demonstram que as igrejas com líderes autocráticos e carismáticos são as que mais crescem. Por sua vez, existe uma nova geração de líderes que busca o trabalho em equipe e que está muito mais preocupada com a qualidade e com uma igreja local participante. A democratização política nos países reflete nas igrejas – também nas escolas e demais instituições – e os indivíduos dos nossos dias já não aceitam, da mesma forma, o dogmatismo de uma liderança autocrática. A igreja necessita refletir sobre sua forma de governo e sobre suas maneiras de liderança. O exercício de liderança na vida das igrejas locais deve estar marcado pelo modelo do servo sofredor – não interprete como frágil, posto que sua mordomia está sob o amparo, o exemplo e a direção do Senhor Jesus – e mostrar o evidente contraste com o caudilhismo e com outras desvirtuações causadas pelo abuso do poder.

Um tempo de profundos desafios

Atos 13.1-3: “Na igreja de Antioquia havia profetas e mestres: Barnabé, Simeão, chamado Níger, Lúcio de Cirene, Manaém, que fora criado com Herodes, o tetrarca, e Saulo. Enquanto adoravam o Senhor e jejuavam, disse o Espírito Santo: “Separem-me Barnabé e Saulo para a obra que os tenho chamado”. Assim depois de jejuar e orar, impuseram-lhes as mãos e os enviaram”.

Pela história, sabemos que a igreja de Antioquia teve um papel importantíssimo na vida da igreja universal dos primeiros séculos. Foi uma igreja que transpôs barreiras sociais, reconstruía vidas derrotadas, atendia necessidades físicas e espirituais, resolvia conflitos interpessoais e doutrinários, como nos descreve o concílio de Jerusalém, tinha uma liderança compartilhada formando uma equipe pastoral, e se dispôs a estender os limites do reino de Deus até os confins da terra.

Nós nos perguntamos como igreja: Qual será o trabalho para o qual nos chama o Senhor nos próximos anos, e quais novos desafios são postos em nossas mãos? Qual a direção e como devemos planejar? Como entender que somos uma igreja em missão? A quem devemos eleger para a obra

missionária? Como serão os próximos pastores e missionários transculturais? Antioquia foi uma porta aberta para a evangelização do mundo. Nós como ibero-americanos somos desafiados a seguir este modelo.

A igreja que vive em missão é uma igreja que se reconhece como enviada ao mundo. É uma igreja que busca o propósito de Deus, participando ativamente do culto ao Senhor, chamada para viver uma fé trinitária, uma fé relacional; uma vida de relação com Deus e com nosso próximo; uma relação de comunhão uns com os outros em que se prioriza o ser antes do fazer.

Como servos, entendemos que quando nos envolvemos na missão, estamos compartilhando a missão do Deus missionário e não estamos trabalhando em nenhum projeto pessoal. Estamos a serviço da *Missio Dei*. E nossa missão é compartilhá-la. Escutamos, descobrimos e obedecemos a voz do Senhor enviando seus servos ao trabalho para qual os chamou. O modelo a seguir é o de Atos 13.1-3.

É interessante observar, quando estudamos o livro de Atos, como a igreja vai cumprindo as etapas; a igreja de Jerusalém se mostrou uma igreja atraente; mas logo após a repercussão, o centro de ação muda para Antioquia da Síria. Jerusalém teve seu momento e seu apostolado, e agora chega uma nova era na qual é necessário responder aos não alcançados, e é justamente a igreja de Antioquia a que assume esse compromisso. Lucas se ocupa desta congregação não por ser a mais rica ou a mais poderosa, senão porque soube enfrentar os desafios do momento.

Depois, quando lemos Atos 15, encontramos a dificuldade que alguns cristãos provenientes da Judéia e que visitavam Antioquia estavam enfrentando. Eles pretendiam que os não judeus se circuncidassem para que pudessem ser salvos. Paulo, Barnabé e alguns outros crentes enviados pela igreja decidem resolver esse conflito de valores no Concílio de Jerusalém. Qual a causa para que Paulo, Barnabé e aqueles que os acompanhavam pudessem ver o que Deus estava fazendo entre os não alcançados enquanto outros crentes da seita dos fariseus não viam nada? Eles haviam aceitado a Jesus como o Messias e participavam da vida da igreja. Onde está a diferença? A diferença reside em que, mesmo tendo os fariseus recebido o evangelho, a igreja de Antioquia, além de tê-lo recebido, havia se unido à missão de Deus no mundo e se lançado na obra missionária. O Espírito estava ativo em Jerusalém, mas era em Antioquia que estava fazendo coisas novas, abrindo brechas e ampliando horizontes. Ali a igreja se submeteu ao impulso do Espírito.

A missão de todo o povo de Deus

Cada cristão é chamado para participar do sacerdócio universal dos crentes. A missão tem lugar em qualquer parte. Impulsionados pela fé, os cristãos cruzam a fronteira entre os que crêem e os que não crêem, e do outro lado dessa fronteira dão testemunho de sua fé. Hoje, como igreja, enfrentamos desafios profundos como o fato de que ainda existem 4.000.000 de pessoas que não conhecem o Senhor. A igreja na Iberoamérica deve assumir plenamente e sem demora sua responsabilidade na evangelização mundial. É uma ordem geral. Porque há milhões de pessoas que não tiveram ainda o direito humano de escutar uma apresentação clara do evangelho. A igreja em seu conjunto é responsável pela evangelização de todos os povos e raças, dos que falam todas as línguas. Uma fé que se considera universal, mas que não é missionária, se transforma em retórica sem autoridade e se faz estéril. Este cumprimento demanda atravessar fronteiras geográficas, culturais, sociais, lingüísticas e espirituais até aceitar todas suas conseqüências.

Dimensões de um novo paradigma missionário

Os desafios também incluem: as grandes cidades multiculturais; a reevangelização do ocidente; testemunhar no mundo da pluralidade religiosa, entre as etnias não alcançadas, onde quer que se encontrem (seja nas grandes cidades ou em países de acesso restrito); a lingüística e tradução; a contextualização; sermos agentes de reconciliação num mundo de violência, de gente sem-teto, de

refugiados, de imigrantes, no meio de perseguição religiosa e de profundo nível de sofrimento. Morreram mais cristãos no século XX do que nos dezenove séculos anteriores. Devemos assumir nosso papel nas questões de meio ambiente e de toda a criação de Deus. Este desafio implica também uma participação responsável e efetiva na sociedade ibero-americana; no aprofundamento do conhecimento bíblico através de um ensino sistemático nas igrejas locais; no amadurecimento de modelos de liderança que promovam o trabalho de equipe e a participação ativa dos crentes. Necessitamos ter uma real compreensão da unidade do povo de Deus, uma maior participação no movimento missionário mundial, fazendo-nos participantes da igreja universal, compartilhando os desafios globais numa ação integral do evangelho; uma sincera busca de modelos cooperativos; e entender missões como um processo e não como um projeto.

A mobilização missionária

No primeiro COMIBAM (Cooperação Missionária Ibero-americana) em São Paulo, Brasil, em 1987, foi feita uma estimativa do movimento missionário ibero-americano. Havia aproximadamente sessenta organizações que enviavam uns 1.600 missionários transculturais.

Dez anos depois, na preparação para o segundo COMIBAM, no México, 1997, foi feita uma investigação mais sistemática com a finalidade de avaliar o movimento missionário da última década. Chegamos à conclusão de que havia mais ou menos trezentas organizações de envio e um pouco mais de 4.000 missionários transculturais.

Segundo as estatísticas de 2006, a Iberoamérica tem mais de 8.500 missionários enviados a outros campos e umas 400 organizações de envio. Damos graças e glória a Deus por este crescimento, mas também somos conscientes de que a mobilização missionária continua sendo um dos nossos principais desafios.

Embora sejamos um movimento missionário capaz, não somos ainda um movimento missionário que tenha desenvolvido todo seu potencial para abençoar a todas as nações. Pese o número de evangélicos ibero-americanos (setenta milhões). Mesmo assim, observamos que não se vê uma correlação com um maior envio de missionários às etnias menos evangelizadas e não alcançadas. Há também preocupação em relação ao envio de missionários sem a devida capacitação, sem um forte apoio financeiro, o adequado cuidado pastoral e a previsão de retorno.

Unidade e cooperação

A palavra de Deus nos anima a viver dignamente de acordo com o chamado que todos temos recebido. Somos desafiados a viver na humildade, amáveis, pacientes, tolerantes uns com os outros e em amor. Esforçando-nos para manter a unidade de espírito no vínculo da paz. Um só corpo, um só Espírito, um só Senhor, e um só Deus e Pai de todos (Ef 4.16). Desde o princípio, o Senhor nos desafiou para o trabalho em equipe. A missão pode ser o princípio material de nossa unidade. A cooperação na tarefa prática da missão é o primeiro passo para uma unidade mais profunda. Cresçamos no testemunho baseado na unidade em Cristo, chamando todos para participar na missão de Deus.

Mas falar de uma cooperação global levanta algumas perguntas que devemos responder: Nós nos ajudaremos mutuamente? Como construir melhor a ponte missionária de cooperação? Nossas estruturas podem melhorar, mudar ou anular-se? Devemos reavaliar o nosso entendimento sobre missões para melhorar nosso diálogo missionário? Qual será nossa participação no envio de missionários do terceiro mundo a outros continentes e ao ocidente? Que princípios e valores devemos seguir? O que podemos fazer? Qual o preço que devemos pagar? Qual o nosso chamado e qual a nossa paixão?

Participar ajudando a outros por meio da cooperação

A paixão pelo evangelho deve nos levar a participar, cooperar, compartilhar (Fl 1.5) e não a competir. Podemos falar de “comunhão”. *Koinonia* é a palavra neotestamentária traduzida como comunhão, compartilhar, contribuir, ou comungar. O que fica muito claro é a idéia de compartilhar algo, uma obra, um propósito, uma experiência, o dinheiro, ou o que seja deve ser compartilhado. O apóstolo Paulo disse: “Irmãos, sede imitadores meus e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós” (Fl 3.17). A fé comum deve gerar a participação prática e esta participação na prática tem conseqüências concretas.

Somos chamados a servir-nos uns aos outros pela paixão que temos pelo evangelho. Necessitamos (I Co 12. 21-22). Somos membros uns dos outros. Ninguém pode dizer ao outro: “não preciso de você” (II Co 10.12, 17-18). Isto é pecado e devemos nos arrepender. Nosso problema, muitas vezes, está em pensar que não necessitamos de ninguém e que não faz falta compartilhar com outros.

Para que exista a cooperação, necessitamos ter alcançado um nível de confiança que é muito difícil se construir quando alguém se mostra auto-suficiente. A beleza da encarnação é que Jesus Cristo, sendo por natureza Deus, se “rebaixou” voluntariamente para estar entre nós.

Perguntamos-nos: Como construir melhor a ponte missionária de cooperação?

No princípio, a resposta que temos é que devemos nos relacionar. O problema surge quando desprezamos a relação de uns com os outros. Devemos ter unanimidade com os planos de Deus (Lc 6.27-31). Esta unanimidade com Ele, fala de um mesmo sentir e pensar (Fl 2.1-11). Fala de perdoar-nos, de humilhar-nos, de entender e compreender nossas diferentes culturas e ajudar-nos mutuamente. Não há ninguém superior, nem ninguém inferior. Significa também que devemos construir melhor nossa ponte de comunicação. Uma relação cara a cara. Esta relação acaba com o correio eletrônico. Nosso problema é que muitas vezes desprezamos a relação cara a cara e dizemos: Para que vou vê-lo? Para que vou perder tempo? Como servos, nossa presença, nosso compromisso, nossa flexibilidade e cooperação são indispensáveis. Junto com isso, devemos enriquecer o diálogo entre todo o corpo de Cristo: a igreja global. Não há Norte ou Sul, Leste ou Oeste, o que há é “um só corpo”. Quando servimos por meio da cooperação podemos dizer como o apóstolo disse de Epafrodito: “como aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus” (Fl 4.18).

O fato de que podemos decidir juntos realizar a missão será um sinal da derrota de Satanás e a evidência da unidade e da cooperação global. O fato de fazermos juntos com nossas diferenças de cultura, de riqueza, de tradição vai requerer a ajuda do Espírito Santo e uma disponibilidade de sacrificar o “eu” pelo bem de nossa missão. Somos de diferentes países, desafiados a sermos cidadãos do céu (Fl 3.20) e nos lembramos que temos um futuro em comum e uma mesma identidade.

Qual é o nosso chamado e qual a nossa paixão?

O problema que temos muitas vezes é que perdemos a paixão por participar, por cooperar, pelo amor e a unidade. Lamentavelmente, outras vezes, participamos sem paixão, sem amor, sem cooperação, não vislumbramos com clareza a obra para a qual Deus está nos chamando. Devemos ansiar e desejar que a igreja de Jesus Cristo seja edificada em todas as etnias como expressão e antecipação do reino de Deus.

O conselho do apóstolo é que devemos nos comportar de uma maneira digna do evangelho de Cristo (Fl 1.27, Tt 3,8). Isto implica em:

Estar firmes no propósito para o qual fomos chamados (Fl 1.27)

Trabalhar em unidade (Fl 1.27)

Atuar sem temer a adversidade (Fl 1.28)

Como está sua paixão, como está sua fé?

Sem fé é impossível agradar a Deus (Hebreus 11.6). Andamos por fé e não por vista (II Co 5.7). Satanás quer nos enganar, nos diz que haverá necessidades, dificuldades, portas estreitas, mas o Senhor disse: “faça o que eu te indicar e eu vou cuidar de você”. Não devemos servir a Deus pensando em nós mesmos, devemos trabalhar para Deus confiando em seus recursos (Fl 4.19). Ele quer fazer algo com o pouco que temos em nossas mãos, como está explicado em Mateus 14.17-20. Os sinais seguem aos que crêem e não ao contrário (Mc 16.20). Avancemos com fé e Deus se fará presente porque Ele é fiel e sua é a missão.

A atual condição do mundo está marcada pelo sofrimento (Rm 8.18-20). Nós agora estamos sendo chamados a participar de seus padecimentos (Fl 1.29, Fl 3.10, Cl 1.24, I Pe 4.13,16). Conhecê-lo é participar disto. Nossa vida sempre é um final aberto e cheio de surpresas. Nunca terminamos de saber o que vem depois, ainda mais quando sabemos que Deus tem um bom senso de humor. É então quando estamos dispostos a deixar o que tanto nos custa conseguir para partir para outro lugar, e recomeçar uma nova tarefa ou continuá-la em obediência ao Senhor. Este é o preço. É difícil estar no centro da vontade de Deus? Esta deve ser nossa paixão. “Irmãos, não pensem que eu mesmo já o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, a fim de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus” (Fl 3.13-14).

Como igreja, tomemos parte na missão de Deus no mundo anunciando que: “O tempo é chegado, o Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas novas!” (Mc 1.15). Levemos todo o evangelho a todas as etnias até que o Senhor venha. Que este seja o nosso entendimento da missão, com a participação da igreja, olhando em direção ao reino de Deus.

Palavras especiais

Um olhar de Esperança para o futuro

“A esperança dos justos é alegria”

Pv. 10.28

Carlos Scott

Quando olhamos nosso futuro com fé, esperança e amor, nosso presente é afetado. A esperança do Reino de Deus presente e futuro nos levanta com ânimo para um grande desafio que temos pela frente. Estamos escrevendo um novo capítulo da história porque os atos do Espírito não terminaram. Esta é a hora em que “iniciamos um processo de transformação da igreja”.

Um evangelho de transformação e que seja completo implica uma igreja que ultrapassa todo tipo de fronteiras, sejam elas culturais, religiosas, lingüísticas, geográficas, políticas, etc. O propósito do COMIBAM Internacional é “Que toda igreja seja uma igreja missionária, levando todo o evangelho a todo o mundo”.

O objetivo principal é o de ver a liderança pastoral comprometida com a obra missionária, desenvolvendo, juntos, estratégias de apoio às igrejas nas diferentes etapas de amadurecimento na obra missionária. Pastores desafiando pastores, igrejas moldando igrejas e trabalhando em cooperação com outras igrejas para tornar mais alcançáveis e de maior impacto os projetos missionários entre os povos menos evangelizados e não alcançados. Para haver êxito nessa visão, faremos planos nas seguintes áreas:

1. Crescer no trabalho de cooperação como “um só corpo” em função da missão. Crescer na relação sul-sul, sul-norte. Desde o início, o Senhor nos desafiou para o trabalho em equipe. A missão pode ser o princípio material de nossa unidade. A cooperação na tarefa prática da missão é o primeiro passo para uma unidade mais profunda. Crescer no testemunho baseado na “unidade em Cristo”. Toda a igreja é responsável pela evangelização de todos os povos, raças e línguas.
2. Prover os recursos necessários para a capacitação adequada dos candidatos a missionários e para a igreja em geral por meio da Rede de Centros e programas de capacitação. Esta rede conecta as pessoas que trabalham na capacitação da igreja na área bíblico-teológica, de ministério e transcultural. Propomos que a capacitação do missionário seja iniciada na igreja local. Consideramos que 60% dessa capacitação ocorre na igreja local. A ênfase está em fortalecer as congregações e seu compromisso com missões transculturais.
3. Assistir e acompanhar a igreja e o candidato em seu processo de capacitação, envio, supervisão e cuidado pastoral no campo por meio da Rede de Agências Missionárias de Envio. Ajudar no desenvolvimento de agências missionárias nacionais que respondam às necessidades do país, mas que respeitem a centralidade das igrejas locais. Esse respeito é um diferencial básico do movimento missionário. Encorajamos todas as agências de outras ‘latitudes’ a apoiar os esforços missionários existentes, evitando assim a duplicação desnecessária ou a interrupção no funcionamento de agências missionárias emergentes.

Queremos que toda a Igreja Ibero-americana transforme simultaneamente a sociedade local e até o último povo da terra.